

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA GOELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO

Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores

Assinatura: Incluindo o Suplemento semanal.
Lisboa, 90\$50; Província, 100\$00; Estrangeiro, 110\$00.
Africa Portuguesa, 6 meses 110\$00.

A BATALHA



Redacção Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 58-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE, 5339 CENTRAL
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116

Este jornal não se publica as segundas-feiras. Não se devolvem os originais. — Os artigos publicados são responsabilidade dos seus autores.

SEXTA-FEIRA,

1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 1973

1.º de MAIO 1925



CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Depósitos	344.000.000\$00
Capital empregado	231.000.000\$00
Fundo de reserva	15.000.000\$00

Filiais nas sedes de todos os distritos. Agências e delegações em todas as sedes dos concelhos

Efectua as seguintes operações:

Transferências de fundos, cobranças, cartas de crédito, contas correntes e títulos, empréstimos de crédito industrial, hipotecário e agrícola, etc.

Recebe depósitos de CAIXA ECONOMICA PORTUGUESA ao juro de 5% até 5.000\$00 e de 4% pelas quantias excedentes. --- EMITE: CÉDULAS HIPOTECARIAS ao juro de 7,3% ao ano (depósitos a prazo) do valor mínimo de 1.000\$00

Efectua operações de empréstimos na CASA DE CRÉDITO POPULAR (Monte de Piedade Português) a juro módico. --- SEDE EM LISBOA: Palacio do Calhariz

VISITEM A CASA

DAMIÃO & C.ª

57, CHIADO, 59—LISBOA

Toilettes para crianças — Ultimas criações para a época de Verão---O paraíso das crianças

SEMPRE NOVIDADES

Nova Empresa Industrial de Calçado, Limitada

RUA DOS LUSIADAS, n.º 5 -- LISBOA

Fabrico mecânico especial, de todas as qualidades de calçado, que vendemos a preços sem competência

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Com o capital de Esc. 9.000.000\$00 (ouro)

Direito exclusivo de pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola, por concessão do respectivo Governo

Sede Social: LISBOA, RUA DOS FANQUEIROS, 12, 2.ª — Teleg.: DIAMANG

Escritórios em Bruxelas, Londres e New York

Presidente do Conselho de Administração
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Presidente dos Grupos Estrangeiros
MR. JEAN JADOT

Administrador-delegado ERNESTO DE VILHENA

Representação e Direcção Técnica em Africa
REPRESENTANTE

DIRECTOR TÉCNICO

Tenente-coronel António Brandão de Melo

Mr. Gleen H. Newport

Caixa Postal 347—Teleg.: DIAMANG

DUNDO

LOANDA

LUNDA

SEMPRE SORTES GRANDES

na casa D. E. GOUVEIA & SILVA

A 6 do corrente grande lotaria
PREMIO MAIOR 400.000\$00
A' venda bilhetes e fracções

Segundo 450.000\$00
Terceiro 120.000\$00

Ao preço da Misericórdia

Grande lotaria de Santo António a 19 de Junho

Premio maior 1.800.000\$00

A' venda bilhetes a 500\$00, meios 250\$00, quintos 100\$00, décimos 50\$00, vigéssimos 25\$00 e quadragéssimos 12\$50. Assim como cautelas de 6\$00 e 3\$00. Pelo correio acresce o porte do mesmo.

Pedidos a:

MANUEL ALVES DA SILVA NEVES

84, RUA DA ASSUNÇÃO, 86—Próximo à Rua do Ouro

CALEDONIAN INSURANCE COMPANY

Fundada em 1805

A mais antiga companhia de seguros da Escócia autorizada a trabalhar em Portugal e Colónias

CAPITAL E RESERVAS £ 6.310.000 — RECEITA EM 1923 £ 2.087.000
SINISTROS PAGOS £ 19.843.000

Efectua seguros marítimos, seguros contra fogo, seguros contra greves e tumultos e seguros de automóveis, incluindo fogo, choque, roubo e responsabilidade civil

53, RUA AUGUSTA, 59—LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metropole e a Africa Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês para os portos de Africa Ocidental e Oriental

Saídas de Lisboa em 15 de cada mês, para todos os portos da Africa Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa e portos do norte da Europa para a Africa, unicamente para carga

FROTA DA COMPANHIA

Paquetes

NYASSA — 8965 Ton.	LUABO — 1385 Ton.
ANGOLA — 8315 "	CHINDE — 1382 "
LOURENÇO MARQUES — 6355 "	MANICA — 1116 "
MOÇAMBIQUE — 5771 "	BOLAMA — 985 "
AFRICA — 5491 "	IBO — 884 "
PEDRO GOMES — 5471 "	AMBRIZ — 858 "

Serviço de cabotagem

Vapores de carga

CUBANGO — 8300 T. — CABO VERDE — 6200 T. — S. TOMÉ — 6350 T. — DONDO — 6000 T. — CONGO 5080 T.
Rebocadores no Tejo — TEJO, CABINDA E CONGO

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, luz eléctrica, excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação, proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e cómodas.

Agentes: — ANVERS, Eiffel & Co., Quai van Dyck, 10. — HAMBURGO, E. Th. Lind, Alsterdam, 39 Europahaus. — ROTTERDAM, H. van Krieken, P. O. B. 662. — Telefones: — P. B. X. 2565 a 2570. Administração, Chefes do Expediente, Informações, Tes. e Passagens, Comissariado e Serviços Médicos, Eng. (C. da Fundição, D. e Armazens.

Escritórios da Comp.: — LISBOA, R. DO COMERCIO, 85
PORTO, R. DA NOVA ALFANDEGA, 24

MENDONÇA, L.ª

Compra e venda de propriedades

Colocação de capital, sobre hipotecas e letras -- Leilões de mobílias, em casas particulares, casas comerciais, oficinas e fábricas. -- TRESPASSES

Comissões e consignações — **TELEFONE 16-N.**

AVENIDA DA LIBERDADE, 119-A—LISBOA

PAPELARIA

VIUVA MARQUES

Completo sortido de artigos de Escritório

TELEFONE 2676-C.

RUA DO OURO, 36

LISBOA

Casa das Meias da Rua Aurea

(ANTIGA CAMISARIA MODELO)

A casa que tem maior sortido e mais barato vende
Secções de: luvária, camisaria, gravataria, chaparia e vários artigos de novidade. — Preço fixo

A. RODRIGUES — RUA DO OURO, 115, 117, 119 — LISBOA

PEREIRA, alfaiate

Direcção técnica de

AMILCAR DE SOUSA

RUA DA PRATA, 266, 1.º

Telefone--Norte, 3069

Uma data trágica e gloriosa do proletariado mundial

O povo trabalhador de todo o mundo comemora hoje uma data trágica. Recordas as vítimas imoladas em Chicago pela burguesia capitalista. Que a lembrança desses mártires que tombaram pela emancipação do operariado dê ânimo, força e energia aos escravos de hoje para lutar por um porvir melhor!

A família trabalhadora que hoje se reúne por toda a parte em comícios, sessões e conferências deve vencer-se de que é grande o número dos que sofrem e que unidos podem formar um bloco indestrutível.

Que a solidariedade que hoje reúne o proletariado num protesto platónico seja o mesmo laço sólido e indestrutível que o uma amanhã na hora da emancipação!

1.º DE MAIO

Uma página de sangue da história do movimento operário internacional

Falar do 1.º de Maio é invocar uma página sangrenta da história do movimento operário internacional. Mas recordar esse episódio é respirar do grande livro o martírio das oito vítimas imoladas ao rancor da justiça yankee.

Este singelo episódio da luta operária, assinalado pela barba da polícia americana trouxe a posteridade a consagração do dia de trabalho, universalmente respeitado no dia de hoje, como manifestação de luto e de protesto.

Não nasceu em Chicago e em 1886 o movimento de reivindicação humana, como igualmente não remonta ao século IX. Ele vem de épocas mais longínquas e os seus primórdios perdem-se já na bruma do tempo, olvidou-os já a longitude dos séculos.

O 1.º de Maio assinala apenas uma data de reivindicação, marca o prelúdio das manifestações revolucionárias organizadas que tinham apenas o carácter de simples protestos insistentemente, sociologicamente indefinidos.

Desde a revolta de Spartacus até à rebelião dos escravos em 1791, na Ilha de São Domingos, situada à entrada do golfo do México, a história regista uma série de contendas que ceifaram centenas de vidas. E se considerarmos que estas lutas eram características, sem objectivação filosófica, mas de tendência libertadora, temos de admitir que Chicago e 1886 trouxe para o movimento operário apenas a sistematização da luta pela greve geral definindo a personalidade da classe operária.

E em Portugal quantos crimes cometeram a burguesia, quantas vítimas têm tombado em holocausto ao Deus-Milho! Se não temos em Parsons, se não arriscamos um Lingg, temos na nossa pequena história descritos os horrores de toda a tragédia humana, desde o suplício nos cárceres ao fuzilamento nas ruas.

E nesse minúsculo livro, como é minúscula a pátria de Camões há páginas que derramam sangue ainda quente dos nossos irmãos fuzilados em Setúbal, em Évora, em Lisboa, nos Olivais e Silves; há páginas que contragem pelo suplício tormentedo e iniludido aos mártires da ideia que das prisões do governo civil às plagas africanas tem experimentado todos os horrores.

Mas como os grandes ideais são cimentados com o sangue generoso dos seus propositos as oito vítimas de Chicago são o vivo exemplo do sacrifício humano por uma causa que para triunfar já deu uma percentagem de vítimas muito a considerar. Propriamente da história da tragédia de Chicago já reza a nossa coleção alguns tomos, e brochuras de especialidade dizem descriptivamente o que ali aquela grande epopeia operária.

É interessante, porém, conhecer os seus antecedentes na livre América, no país por excelência industrial que tão agressor se mostra para os seus operários, especialmente na jornada de trabalho.

Pode considerar-se remoto ao princípio do século IX o movimento de reclamação de diminuição de horas de trabalho nos principais centros industriais do vasto território americano.

O país dos yankees florescia então, vivendo num perpetuo sonho de predomínio industrial. As indústrias e o comércio progrediam incessantemente, embora o proletariado estorasse de fome.

A classe da construção civil foi a primeira a agitar a reclamação. A organização sindical era deficiente, sem capacidade revolucionária para uma empresa daquela magnitude. Era preciso lutar, eis tudo. E a luta iniciou-se com indescritível entusiasmo, produzindo de jornada de trabalho.

As primeiras organizações irromperam logo um fogo nutrido contra o capitalismo. Algumas classes que não possuíam organizações constituiram-nas. Em 1803 organizaram-se os carpinteiros navais, e os seus colegas civis em 1806 materializam a mesma ideia.

Até 1830, com várias intermitências o movimento operário segue o seu curso natural e evolutivo. Nada de anormal, a não ser um outro incidente, nesta ou naquela cidade em favor da reclamação agitada. Esta ia ganhando terreno, e de todos os Estados era unânime o grito de menos horas de trabalho.

Nesta altura já o capitalismo yankee organizava a defensiva, pois receava ser subvertido pelo vulcão revolucionário que arrompia crepitos. Preparativos, organização de milícias e formação duma guarda especial.

Como resposta, em 1832, os catifates e os carpinteiros de Boston proclamam a greve geral em favor das 10 horas de trabalho.

Estava travado o primeiro embate. Mediam-se as forças. Recio mútuo. Eram dois gladiadores dos velhos circo de Roma que se temiam. Luta nervosa, mas heróica. O resultado foi nulo para os grevistas.

Mai prenúncio. Primeira luta, primeiro desaire. Mas a luta prosseguiu corajosa e os seus camaradas da Filadélfia triunfam de igual movimento.

Estava restabelecido o equilíbrio e até 1840 o movimento operário tomou grande incremento. O operariado, movido por um fenómeno particular organizava os seus quadros, preparando-se convenientemente para a grande luta.

Em consequência desta atividade e do respeito que a organização operária americana começava a merecer aos seus adversários, no mesmo ano o então presidente dos Estados Unidos, Martin Vaz Buren promulgou uma lei estabelecendo o regime de 10 horas de trabalho para todos os assalariados do Estado empregados nas construções marítimas.

A boa nova foi recebida com júbilo geral. Mas a concessão era apenas restrita a aqueles trabalhadores. Era necessário mais.

Em 18 de Junho de 1845, em Pittsburgh, realizou-se um grandioso comício onde foi aprovada a jornada de 10 horas. A fim de impor este desejo, durante cinco semanas 4.000 trabalhadores estiveram em greve.

Os seus recursos eram diminutos. E ao fim dum mês de luta os grevistas voltaram ao trabalho com a vaga aspiração de num futuro alcançarem o que desta vez não foi possível.

Como em 1847 o parlamento inglês decretasse a jornada de 10 horas, em toda a América efectuaram-se numerosos comícios de felicitação aos trabalhadores ingleses.

Este triunfo veio avariar a luta. Até 1850 pode considerar-se de preparação. Novos organismos que se formam e novos recursos aparecem.

Em Junho de 1850 celebrou-se em Chicago um importante congresso, estabelecendo-se organizar, por ofícios, os trabalhadores para, pela greve, obterem as 10 horas.

A jornada de trabalho não excedia nos Estados Unidos, em 1853 a 11 horas, havendo alguns estados onde as 10 horas já existiam.

A partir deste ano toda a actividade revolucionária foi consagrada à jornada de 8 horas de trabalho.

Uma nova fase também foi observada na luta. O movimento operário principia a criar personalidade própria. E os partidos burgueses viram diminuir-lhe os seus efectivos em consequência dos trabalhadores, reunidos em 20 de Agosto de 1856 num congresso em Baltimore, acordaram em organizar o partido nacional operário. De tal forma se conduziram os seus organizadores que um ano depois, em Chicago, o novo partido celebrava o seu primeiro Congresso.

De influência deste partido e da acção dos organismos por ofício, resultou que o ano de 1868 foi assinalado por numerosas greves.

Em 1870, abre-se um parêntese à grande actividade reivindicatória. Os alemães residentes nos Estados Unidos organizam as primeiras forças da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Diz um escritor a propósito da influência desta colectividade: «A influência exercida por esta agremiação no movimento operário foi notabilíssima. As massas populares, ainda não penetradas das suas verdadeiras aspirações, começaram a compreender toda a grandeza das ideias revolucionárias, e imediatamente, adoptaram outros meios de luta e tendência».

A luta operária orientada pela A. I. T. foi mais aguerida e de resultados mais seguros. Mas em 1873-74, a paralisação foi tão grande, que milhares de trabalhadores sofreram os horrores da fome e do frio.

Desde essa data até 1876, registaram-se centenas de greves em todos os Estados da América.

A grande greve dos ferroviários em 1877 foi considerada por Ricardo Melia, como o prelúdio da luta entre o capital e o trabalho. Quando em 1884 se resolveu, numa reunião celebrada em Chicago, proclamar a greve geral no dia 1 de Maio de 1886, já os trabalhadores americanos tinham conseguido uma redução de 3 horas na jornada de trabalho.

Com a aproximação da data fixada para a greve, a agitação aumentava. A imprensa, a sós da burguesia blasfonava todas as ideias sobre o movimento operário. Desde a intriga até ao insulto, de tudo se serviu a alavanca do progresso para desmoralizar os bravos lutadores.

Em Fevereiro desse fatídico ano, 1886, na feitoria de McCormicks, foram despedidos 1.200 trabalhadores por se negarem a abandonar os seus organismos de classe.

Estava travada a luta, que em Maio devia ter o seu epílogo sangrento.

Chegou finalmente o dia 1 de Maio. Manhã alegre e fresca. Milhares de trabalhadores, respeitando a proclamação da greve, abandonaram os seus mistérios. A União Central Obrera de Chicago convocou para à tarde um comício, onde assistiram 25.000 pessoas.

Fizeram uso da palavra Parsons Spies, Fielden e Schwab, conhecidos oradores anarquistas, o primeiro americano, o terceiro inglês e os outros alemães. No comício fizeram-se rasgadas afirmações revolucionárias, tendo decorrido em ordem.

No dia seguinte os grevistas aumentaram de número, realizando-se um comício de operários despedidos da feitoria de McCormicks, onde falaram Parsons e Schwab.

Em 3, junto àquela feitoria realizou-se um imponente comício, tendo Spies produzido um notável discurso.

Coincidiu a hora deste comício com a saída do trabalho dos operários de McCormicks, que não respeitaram a proclamação da greve.

Algumas pedras foram lançadas contra a

Promovido pela Comissão Instaladora da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, efectua-se hoje, pelas 14 horas, uma sessão pública na sua sede—calçada do Combro, 38-A, 2.º, para comemorar a data 1.º de Maio, onde usarão da palavra delegados operários.

Se os trabalhadores manuais e intelectuais soubessem usar da sua força

O espectáculo desta comemoração do 1.º de Maio se não agrada a todos, a todos surpreende. E que não há memória de outra manifestação, que revista um carácter tão universal.

As solenidades rituais, ainda as das religiões mais populosas, deixam indiferentes quantos seguem credo diferente daquele que as promove. A consagração da Paz, que Wilson ingenuamente sonhou, se interessa a um terço da população do globo, permite que outro terço ranja os dentes de raiva e faz com que o resto do mundo comente com revolta a feroz ambição dos que atiraram os povos para um conflito tremendo.

Nenhuma outra ideia consegue elevar os corações, dum extremo ao outro da Terra, como esta que a comemoração do 1.º de Maio evoca. Neste dia, desde o alto da Rússia, misteriosa e sacrificada, até ao fundo da América do Sul, ardente e oprimida; desde a Norte América utilitária e comodista, que foi testemunho da tragédia, até à China, ignorada e ignorante, que a desconhece; através da Europa dilacerada por paixões terribes e ao longo da África escravizada por cubucas monstruosas—deixa de se ouvir o ruído sinistro do trabalho, que é tortura; cessa o guizalhar de ferros nas oficinas, que são prisões; e até no fundo das minas adormecem os ecos soturnos, que são raios de agonia.

E que o proletariado, já sem lágrimas nem lamentos, escolheu este dia, que recorda o sublime sacrifício de alguns dos precursors das suas reivindicações, para dizer altivamente o que pode e o que vale, aos que o exploram, aos que fingem ignorá-lo e do seu suor e do seu sangue se nutrem miseravelmente.

Olhem com serenidade o mundo, nesta hora. Não é ainda a paralisação geral do trabalho; que muitos trabalhadores, especialmente os dos campos, não têm, por enquanto, bem nítida a noção dos seus deveres. Resta-nos, porém, a manifestação dos operários conscientes. Suponhamos que esta situação se prolonga mais uns dias, nem é preciso uma semana. Para que servirá essa ficção a que se chama Capital, que utilidade terá a mesma criadora Inteligência? Temos de convir que o Trabalho e só o Trabalho, constitui a única, a verdadeira força. E surpreendemo-nos ao verificar que os seus detentores não usam dela.

No dia em que todos os que trabalham, com o cérebro e com o braço, se aliam destrutivamente, para a grande obra a realizar, no dia em que o operariado resolve fazer uso da força incomensurável de que dispõe, no dia em que os escravos se lembrem de pedir a sua alforria—cessarão as violências e as tiranias, as extorsões e as vilezas, porque a minoria que domina e explora se apagará, mesquinha, ante a maioria que sente e produz.

Seria tão fácil consegui-lo! Até lá, porém, até que sôe a hora da libertação, aproveitemos este dia, não para lamentos de cardeais, não para foguetes aviltantes, não para sessões de ridícula solenidade—aproveitemo-lo para rugir a nossa revolta, para dar o espectáculo da nossa orgulhosa miséria, para fazer sentir a nossa explosão de solidariedade. E os que nos temem e nos odeiam, que nos oprimem e nos exploram, não de sentir, não de compreender—que têm de contar conosco, que não somos só aquela massa amorfa, que a máquina substitui com vantagem e o canhão destrói a maravilha.

feitoria de McCormicks. De repente uma força de polícia disparou alguns tiros que foram ripostados com pedradas. A polícia fez então uma descarga a qual matou seis pessoas e feriu bastantes.

Em consequência desta atitude a indignação ganhou terreno. Numa reunião em que estiveram Spies, Engel, Fischer, Schwab e Fischer resolveu-se promover no dia seguinte, isto é, a 4 de Maio, um comício em Haymarket, onde falaram Spies, Parsons e Fielden. Depois deste falar a polícia pretendia dissolver o comício, avançando para a multidão em atitude ameaçadora.

De súbito, ignorando-se por quem foi arremessado, uma poderosa bomba rebenta com grande fragor, ferindo 60 polícias e matando de nome Degan. A polícia respondeu com vivo tiroteio havendo bastantes feridos.

Em consequência destes sucessos a imprensa mercenária teve excelente ambiente para pedir a pena de morte para os oradores anarquistas e a perseguição a todos os organismos de tendência revolucionária.

Instaurado o devido processo que continha sessenta e nove cláusulas, repletas de falsidades foram acusados de "unidade

O 1.º DE MAIO

Presta-se a data de hoje para a classe operária afirmar o seu desejo de, por uma forma concludente, se preparar para a transformação social, abolindo o regime de propriedade privada, origem de todo o mal estar que a humanidade tem sofrido através dos séculos.

Todos sabem mais ou menos as razões porque o proletariado de todos os países faz no dia de hoje a paralisação do trabalho e por isso não o vamos aqui descrever, limitando-nos apenas a citar os nomes das vítimas que foram condenadas à morte, que são um dos motivos das manifestações do 1.º de Maio: Augusto Spies, Miguel Schwab, Adolfo Fischer, Luis Lingg, Jorge Engel, Samuel Fielden e Alberto R. Parsons.

São estas vítimas lembradas desde de 1887, todos os anos, em comícios públicos, sessões e conferências, como se não fossem lembrados a todos os momentos ao caírem outras vítimas do mesmo capitalismo, que continua cimentando em sangue, lágrimas e miséria a sua existência. Se tivéssemos de inumerar o nome de todas as vítimas não chegariam todas as colunas deste jornal para o fazer!

Ao comemorar esta data sangrenta devemos ter em mira o objectivo de despertar o povo para a grande luta, há muito travada, para que sobre a terra reine uma maior harmonia e se estabeleça para todos o direito à vida.

É possível que hoje apareçam alguns que falsem as suas afirmações de sindicalistas revolucionários, anti-parlamentares e anti-estatais, a dizer-nos que o sindicalismo faliu e ser necessário usar novos métodos—as velhas teorias, que então condenaram, a acção parlamentar, conquista do poder político, etc. A verificar-se tal facto é preciso que os delegados da organização operária saibam defender os princípios do sindicalismo revolucionário que tende à destruição do estado autoritário levando-nos a uma sociedade baseada no livre acordo.

E, pois, necessário que a data de hoje, 1.º de Maio de 1925, sirva para a classe trabalhadora lembrar todas as vítimas e também protestar contra todas as violências praticadas contra os trabalhadores de todos os países, desde Portugal à Rússia, contra a pretensão da U. I. E. e ainda contra aqueles que pretendem desviar a organização operária do seu verdadeiro papel, afirmando assim mais uma vez estar disposto a lutar pela sua emancipação integral e pela abolição das causas que dão origem a todo o seu mal estar.

JERONIMO DE SOUSA

no assassinato do polícia Degan, Augusto Spies, Michael Schwab, Samuel Fielden, Adolfo Fischer, Jorge Engel, Luis Lingg, Oscar Neebe, Rodolfo Schnaubelt e William Seliger.

Este último, em virtude da traição aos seus colegas conseguiu isentar-se da acusação. O penúltimo acusado e Parsons não se encontravam presos. Porém Parsons apresentou-se no tribunal no dia da audiência e participou da mesma sorte que os seus companheiros.

Em 20 de Agosto de 1887 Spies, Schwab, Fielden, Parsons, Fischer, Engel e Lingg foram condenados à morte. Oscar Neebe foi condenado a 15 anos de prisão. A Fielden e Schwab foi mais tarde comutada a pena por prisão perpétua.

A completar esta tragédia Lingg, na véspera da execução, suicidou-se na prisão, fazendo rebentar na boca um tubo de dinamite.

Finalmente às 11,50 horas do dia 11 de Novembro de 1887, os quatro condenados foram conduzidos ao patíbulo onde o sinistro laço do carrasco fez abafar a voz que a burguesia tanto temeu.

O Funcionalismo e o 1.º de Maio

Por mais esforços que se empreguem no sentido de fazer conhecer ao funcionalismo as inúmeras vantagens que para a sua causa adviria da organização da Federação de Serviços Públicos, não se consegue arrancá-lo do sono letárgico e perigoso em que o seu comodismo e desinteresse de há muito o mergulhou.

Variadas são as reclamações que duma e outra parte diariamente surgem nos gabinetes ministeriais; tão variadas e desencontradas que por vezes e não poucas se entrechocam e prejudicam.

A organização do funcionalismo que de há muito peca por defeituosa e antiquada, vai cada vez mais demonstrando que impossível se lhe torna assim continuar, a menos que os seus componentes nos queiram provar que a quantidade política de que estão minados é tanta que nem de longe vêem o mal que para si e para a organização estão fazendo.

Bem sei que entre o funcionalismo, ao contrário do que sucede entre as demais classes proletárias, em vez do espírito sindical e avançado existe o espírito político e conservador e de resto quasi com uma certa razão, pois que, enquanto nas restantes classes o indivíduo se impõe aos que o ele mourojam o duro e negro pão de cada dia, pelo saber, pela competência e pela sua inteligência, no funcionalismo apenas se impõe, salvo raras excepções, pela protecção que o seu chefe lhe dispensa, pelo seu valor político ou pela sua febre revolucionária, a favor da facção do poder.

Enquanto que para as restantes classes o indivíduo entra pela sua aprendizagem, pelo seu amor ao trabalho ou aplicação ao estudo, para o funcionalismo entra pelo seu poder eleitoral, pela sua audácia e muitas vezes ou sempre pela qualidade da pessoa que por ele se interessa; enquanto nas restantes classes apenas o valor intelectual serve de biola, no funcionalismo público serve desde o diploma do partido em que se filiou até à qualidade de serviços que lhe possa prestar, espírito que dando margem ao seu alheamento do progressivo desenvolvimento sindical, dá também ocasião a que as suas reclamações embora justas, embora sensatas, de nada sirvam, de nada valham e nada sejam.

O espírito político e conservador da maioria do funcionalismo que muitos bascam no favoritismo que domina nas repartições do Estado, apenas tem servido para fomentar a descrença e a revolta naqueles que ainda confiam na sinceridade dos homens e na sua justiça, sem se lembrarem que essa justiça vesga e cega, armada de espada de dois gumes, além de andar arreada do seu pedestal, lança o golpe conforme a qualidade da questão em que tem de intervir, ferindo sempre o mais fraco em proveito do mais forte, cortando sempre o mais pobre com satisfação do mais rico. Pois se é assim a justiça!

Mas o espírito conservador e retrógrado do funcionalismo tem que desaparecer, para dar lugar a um outro bem mais nobre e multifacetado mais proveitoso; e note-se, que não pretendo um funcionalismo, a maioria do qual deve a situação que disfruta ao cacique político ou influente eleitoral, revestido dum radicalismo tal que, qual S. Paulo, viesse para as multidões sedentas de justiça, exclamar: «O rico é um ladrão», ou então como S. Mateus: «A propriedade é o produto do roubo», ou ainda como S. Basílio quando afirmava «O rico é um animal insaciável com a gíela sempre aberta para devorar o alimento dos outros».

O que desejaria era que ele se organizasse e unisse para no dia de hoje, dia de luta e revolta, dia por todos os títulos sublime e belo, lado a lado com aquele que cava e prepara e terra, tece as sedas, lapida o diamante, constrói os palácios, e veste farrapos, habita albergues e rebenta de fome; para a par com o gigante dos campos e a fera das cidades, erguer o seu cérebro, paralisar o braço e gritar a essa multidão de parasitas e inúteis, que a canalha, a rale, e a raia, adquiriu a consciência precisa para lhe dizer: Basta, canalha sem vergonha! Para tráz, exploradores, findou a era do vosso predomínio e baqueou o poder do vosso império, e com uma e outra coisa, o reinado do roubo».

Que desejaria era um funcionalismo que se negasse a cooperar na obra criminosa da burguesia, pois sem ele não poderão os burgueses realizá-la. O que seria necessário era que ele, que melhor do que ninguém o pode e deve fazer, quebrasse as algemas da servidão, que devido a um favor que bem caro lhe sai e que terrível e profundamente o faz curvar, ante políticos sem escrúpulos e estadistas sem competência, para que alivia e enérgicamente dissesse a essa trindade sinistra, finança, política e igreja, que os famosos direitos do homem, conferidos e promulgados pelas leis, são uma mentira ou letra morta; ao pé da vontade e do capricho dos senhores. Sim! Porque nem os direitos e as liberdades da humanidade podem ou devem estar compendiados num bocado de papel que o vento ou o tempo consome! Um funcionalismo livre de todos os preconceitos e alheio a todas as opressões.

Sim! Era assim que eu queria o funcionalismo: integrado no seu papel de pária para como proletário e como faminto escravizado, num primeiro de Maio formidável prolongado, acabar com os exploradores, terminar com as opressões e correr com os políticos. Mas quando é que ele nos ouvirá, para como ser escravizado, exclamam: PAULO EMILIO

A burguesia que tudo falsifica também quiz falsificar o 1.º de Maio

Mais um ano volvido sobre uma data, vinculada na leitura do movimento operário, com caracteres de sangue.

Mais um ano, em que o operariado de todo o mundo, recorda com a emoção das trágicas solenidades, o martírio desses percursoros, que ensombream de luto, o dia inolvidável de 1.º de Maio.

Esta data é a única que a burguesia não quer ver evocada, com o respeito que nos merecem as grandes hecatombes. Todas as grandes carnificinas, marcam na história, prestigiosas etapas, que a burguesia se esforça em perpetuar na memória dos povos. Essas carnagens decoradas com uma nomenclatura extralida se vocabolam dos patriotas, são glorificadas, sancionadas com festejos comemorativos, para que, a alma simplista, sugestível das multidões, se deixe penetrar, do exemplo, da falsa ideologia que os farangates encensadores da história pretendem impor.

Sómente a data lutuosa, do 1.º de Maio não alcançou esse prestígio, não enfileiro ao lado das outras mortandades, espalhadas, totalmente, patrioticamente imemoradas.

Para o fazer esquecer, os burgueses que compram tudo, que leva a toda a parte a influência das trevas, pretendem encobrir o luto devido aos mártires de Chicago, afirmando o sol que eles negam a existência dos trabalhadores, para os distrair da sua evocação.

No dia 1.º de Maio, quiz a burguesia em prestar todo o ritual duma festa pagã. Eles sabem bem, os farangates, que a vida do operário é tão sombria, que facilmente e reveste à tentação duma festa, à tentação do sol.

E operários houve tomarem essa data sinistra, como um motivo de festa.

Operários houve, que debandaram das oficinas, afogando a revolta, a consciência do protesto universal contra a opressão capitalista, expandido a sua alegria, por poderem suspender a labuta; por um dia, e entregarem-se ao rumor festivo que o sol inspirava.

São uns grandes falsificadores esses farangates da burguesia. Eles sabem falsificar atitudes, com a mesma precisão como falsificam a vida.

Eles sabem tornar a própria tortura mais sedutora, eles sabem enganar a multidão, adoptando essa tortura a todas as circunstâncias.

Assim, o martírio das vítimas de Chicago, não cessou ainda. Derivou de aspecto. Os trabalhadores são ainda martirizados. Os trabalhadores são ainda dizimados, em bora mais lentamente de que os seus irmãos—que arbitraram a data memorável do 1.º de Maio.

Eles são dizimados, clinicamente, traçoicamente, por mil formas, nos mil recursos da miséria horrenda. Eles não morrem sob as balas, mas são empurrados para o cemitério, pela tuberculose, e pelas doenças intestinais, todas as doenças intestinais, todas as doenças enfim, do deapauamento físico e moral.

Por isso o dia 1.º de Maio, é um dia de protesto, contra a tirania financeira, e é também um dia a menos, nesse martírio de trabalho que desenvolve uma epopeia e um cântico, é antes um sussurro de desespero, um resfolegar de ódios de homens, sacrificados a todas as obediências da mentira económica...

EDUARDO FRIAS

Aproveitemos as lições sábias da Natureza

Quando a humanidade não estiver dividida em dois exércitos inimigos—o do Trabalho e o da Exploração—o dia 1.º de Maio será de festa e de alegria.

Hoje é de revolta e de combate. O adversário não nos permite um minuto de repouso. Este lindo dia de Primavera ridente, melhor se prestaria a devaneios e a festas, do que a discursos e comícios. Quando o sol enche de luminosidade os campos floridos, quem deseja pensar na existência da miséria?

Parece que a Natureza indica aos homens o caminho da ventura que eles não sabem tomar. Os malmecados que sorriem na seara verde, as papoulas vermelhas que baloçam ao sabor da brisa, as árvores perenes de florinhas ingenuas, formam flagrante contraste com as lágrimas que as mães choram ao ver seus filhos raquíticos e tuberculizados por uma organização social injusta que transgrede e calca todas as leis da Natureza.

Hoje, 1.º de Maio, reina a harmonia e a paz nos campos fecundos, zumbem as abelhas nos jardins, cantam as aves nos ramos frondosos—sofrem os camponeses na rude

O PROBLEMA DO CAMPONEZ E DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA NA VIZINHA ESPANHA

As tendências libertárias dos rurais --- O ódio à reforma --- Contra o parcelamento da terra
As colheitas --- Para o comunismo libertário

Na Espanha não existem discrepâncias, como sucede, infelizmente, em muitos países, entre os trabalhadores do campo e os da cidade. Ao contrário a harmonia entre eles é perfeita.

Os trabalhadores do campo percebem que nada poderão fazer sem o apoio dos da indústria, e estes sabem que uma revolução a que falta o concurso dos camponeses está, fatalmente, condenada antecipadamente a fracassar.

As organizações agrícolas das mais importantes regiões, como Andaluzia, Valência, Aragão, Rioja e uma parte da Catalunha, estão filiadas na Confederação Nacional de Trabalho. Por conseguinte, estão acostumadas a receber o apoio solidário dos operários da cidade e, reciprocamente, a prestar-lho.

Influenciados duma maneira positiva pela propaganda libertária, e dando ao anarquismo um grande contingente de unidades, sonham com uma forma de convivência entre os homens a que só se pode chegar socializando toda a riqueza natural e criada pelo esforço humano no decurso das gerações.

Pensam no estabelecimento dum sistema no qual o intercâmbio de produtos se efectuaria sem mais limitações que as impostas pela possível escassez de meios de transporte—de acordo com as previsões do comunismo libertário.

E o mesmo ocorreria no que se refere ao cultivo. Entendem que o trabalho do campo para dar o máximo de rendimento com o mínimo de esforço, há-de efectuar-se em comum. Sem esse requisito a cultura intensiva e extensiva, última palavra da ciência na cultura do solo, não seria de realização possível, e nesse caso ter-se-ia que aumentar a necessária contribuição muscular de cada trabalhador, o que diminuiria em prejuízo de todos a quantidade de produção.

São pois anarquistas a totalidade dos camponeses das regiões que citamos? Seria absurdo supô-lo. No entanto, pode-se dizer que em algumas províncias, como Andaluzia, a mais importante de todas, ou por consciência, ou por um admirável sentido prático das coisas, são anarquistas a imensa maioria dos camponeses. Os sinais que de sua passagem ali deixaram militantes activos, bons e cultos como Firmino Salvachea e Ernesto Alvarez, não desaparecerão jamais.

Os camponeses libertários, em vista da rapidez com que se realizava, devido à propagação anarquista, o espírito revolucionário entre os escravos da gleba, da sua identificação de propósitos com os da cidade, das suas reiteradas provas de rebeldia consciente, apreciavam a ideia de suprimir os grandes latifúndios, os coutos de caça, terrenos férteis semi-abandonados cuja extensão soma um milhão de hectares—divididos essas terras, reparti-las em certas condições, e converter, desse modo, em pequenos proprietários a uns tantos trabalhadores de cada localidade. Esta medida ditada, pelo instinto de conservação, tende, como é natural, a quebrar a unidade entre os trabalhadores do campo, a despertar egoísmos muito explicáveis, para que nasçam nelles, perante o exemplo duns tantos, o desejo e a esperança de serem proprietários amanhã, por sua vez, para o que, escusado seria dizê-lo, será condição necessária converterem-se em homens de ordem, não se meterem em nada, afastarem-se do sindicato e não secundarem nunca os propósitos absurdos dos inimigos da pátria, da família, da propriedade, etc., etc.

Esperavam que este facto produzisse os efeitos desejados, porque sabem que o pior inimigo da revolução é a reforma. Estavam convencidos de que não se necessitaria mais do que isso, para que os

trabalhadores principiassem a ver no Estado o seu anjo tutelar e deixassem de escutar a voz dos elementos subversivos. Com ele teriam alcançado plenamente o seu objectivo: deixar isolados por completo as veleidades revolucionárias dos trabalhadores da indústria; privá-las dum elemento sem o qual serão sempre afogadas em sangue as suas esperanças e as suas rebeldias. Todavia, ao anunciar da radical medida, não conseguiu entusiasmar ninguém. Os camponeses compreenderam todo o seu alcance.

Os governantes liberais compreenderam que o processo por meio do qual tinham julgado poder afastar o espectro da revolução, era incapaz de conseguir que a corrente mudasse o seu curso um pouco que fosse.

O parcelamento da terra, cuja finalidade já o temos dito, não é outra coisa senão tornar conservadores e egoístas os trabalhadores, que o Estado converte em proprietários, e os que esperam, por sua vez, se-lo amanhã, ou, dito em termos mais claros, criar uma força contra-revolucionária oferecendo—sem nos afastarmos do plano em que acabamos de colocar o problema—vantagens económicas indiscutíveis, que seria sectarismo passar em silêncio.

Ponhamos um exemplo, que nos dá a produção e o consumo do trigo em Espanha, nos últimos vinte anos, durante os quais, ainda que em reduzidíssima escala, se fizeram ensaios de parcelamento nalgumas províncias.

Decada em 1905-1914—Colheita mínima, 25 milhões de quintais; máxima, 40,4; média, 33,3. Importação mínima anual, 0,7; máxima, 8,6; média, 2,3.

Em 1915-1919—Colheita mínima, 35,1 milhões de quintais; máxima, 41,4; média, 38. Importação mínima anual, 0,5; máxima, 4,4; média, 3,8.

Em 1920—Colheita, 39,5 milhões de quintais. Importação, 4,8.

Em 1921—Colheita, 39,5 milhões de quintais. Importação, 4,6.

E' natural que o aumento do tipo médio das importações paralelamente ao aumento do tipo médio das colheitas constitua uma dessas tremendas aberrações do sistema capitalista, que não poderiam produzir-se se a gerência de produção fosse exercida pelos mesmos que são, ao mesmo tempo, produtores e consumidores, e regulada tão sómente pelas necessidades do consumo.

Não é isto, porém, o que agora nos importa. E' outra coisa. A Espanha, cingindo-nos às cifras que acabamos de expor, é em trigo tributária dos outros países. Pois bem, dividindo uma parte principal dos seus latifúndios e dos seus coutos de caça, não somente se faria desaparecer o seu deficit em muito pouco tempo, como se conseguiria uma quantidade excedente para a exportação.

Na provincia de Segóvia foram parceladas já há tempos 600 hectares entre 40 cultivadores. O seu rendimento elevou-se em proporções assombrosas.

Numa povoação da provincia de Toledo há 10.000 hectares de terra de lavoura pertencentes a 500 indivíduos. Deles, 2.000 estão em poder de 490 pequenos agricultores, enquanto os 8.000 restantes pertencem a 10 grandes proprietários.

E sucede, que aqueles que trabalham por si mesmos os 2.000 os fazem produzir o quintuplo do que produzem os 8.000 que estão nas mãos dos grandes proprietários.

Assim, pois, o parcelamento tem um aspecto conservador e outro revolucionário. Revolucionário no sentido de que tendo tido a virtude de elevar o tipo de produção, oferece facilidades para consolidar os resultados do movimento transformador, aumentando a sua capacidade de resistência e de reconstrução. Permite, em suma, que o território da revolução se baste a si mesmo por mais largo tempo.

bre o lugar em que, havia dois anos, eu assistia pela primeira vez a esse cortejo, eu dizia a Pinto Machado que não era honesto fazer acreditar àquela farsa de homens rudes mas bons, que eram os condutores de carroças, em cuja sala estavam, que era com cortejos mais ou menos carnavalescos que devíamos lembrar o sacrifício dos homens que em Chicago foram assassinados pela sociedade trópega e lassa, para quem o verbo e a acção deles fazia adivinhar a queda da situação parassitária que uma parte ainda usufruía.

E de 1903 para cá eu tenho fixado, e bem, o muito que temos dado. Eu, tenho marcado, e bem presente, o que então era o movimento operário social e o que ele é actualmente. Meço-o de vez em quando em consciência, e tenho a noção exacta da distância e latitude que afasta 1903 de 1925.

Retaliações, intrigas, nada nos tem detido a marcha. De repente reparo e parece-me que tudo recua. Fico-me a medir os acontecimentos, e a breve trecho reparo que persiste a luta entre elementos que só deviam conjugar esforços, mas que a despeito dessa luta não se interceptou a marcha dos acontecimentos, porque eles a seu tempo tiveram a sua eclosão.

Tombam uns, levantam-se outros; e desta vez esforços novos se erguem para a luta. Os que caem vão cansados de lutar. Por mais descanso que lhe deem já não retomam as energias. Eles seriam lassos e vagarosos. Os que irrompem são energias frescas, que surgem com ímpeto. Para os novos a luta tem graciosidade, para os velhos já quebrantados é um sacrifício, e o 1.º de Maio é sempre um ponto de partida.

E' a primavera, e a primavera que faz irromper do arbusto a flor que é a graça e o perfume da natureza, também faz brotar na alma o ideal que é um enfeio da vida. Os seus poéticos cantares nos imprimem aquela energia que gastamos na mocidade, e que faz com que um corpo cansado se perpetua uma alma moça até ao túmulo.

Vistos através do prisma do presente, os seus resultados não afectam senão a burguesia. Mas, e quando os trabalhadores tomem posse de toda a riqueza, e a socializem?

Seria preciso examinar, se as vantagens materiais que nos proporcionarão amanhã a medida que nos ocupa, compensaria os prejuízos de índole moral, que poderá causar-nos imediatamente.

Esse exame é duma complexidade que salta à vista.

Aceitando um princípio é forçoso aceitar também as suas naturais consequências. E os homens de Estado, que cantam os benefícios da divisão das terras, reconhecem implicitamente, sem dar por isso, o fundamento das soluções, que oferece o comunismo libertário. Se o aumento da produção é proporcional ao dos trabalhadores directos e positivamente interessados na mesma, quando a propriedade da terra seja posta em comum, e em comum se cultive, desaparecerão certos antagonismos, mais que possíveis, faltarão ao jogo dos interesses particulares, melhorará a qualidade do interesse de cada um na sua convergência com o interesse de todos, ficará estabelecida sobre bases sólidas a verdadeira unidade dos interesses, na qual o que é individual se confunde duma forma estreita, perfeita e indissolúvel com o colectivo, em consequência do que está fora de debate, que a produção se elevará muito mais e que, paralelamente, se irá reduzindo o esforço necessário para obtê-la.

Porque a divisão, ainda que generalizada, deixa de pé a particularidade egoísta e o exclusivismo do interesse pessoal ou de grupo, que repugnam à justiça, que não realizam a igualdade, que não de ser causa de hesitações lamentáveis, de lutas intestinas, de regressões perigosas. Não. O parcelamento não está de acordo com o nosso sistema. E não é nesse sentido que farão a revolução os nossos camponeses.

Os camponeses espanhóis, particularmente os da Andaluzia, Valência, Aragão, Rioja, Navarra, Galiza e uma parte da Catalunha, cujas tendências anarquistas, em geral, são manifestas, sabem a que devem prender-se.

Claro está, que não se pode excluir a possibilidade de que haja quem, acarinhando o pedaço de terra que cultivou toda a sua vida, queira continuar a cultivá-lo até que a experiência lhe ensine que, tanto por motivo de comodidade como de rendimento, lhe convém incorporar-se na comunidade, e seguir o exemplo dos seus camadas.

Se os governantes pensarem na divisão das terras como meio de criar a possibilidade duma Venda, temos direito a crer que se equivocaram.

Os núcleos que poderiam secundá-los, porque não chegaram até eles a nossa voz, estão situados nas duas Castelas, em Leão, etc., etc. Um movimento centrípeto bem ordenado obrigá-los-ia a incorporarem-se na corrente. Não constituem um perigo sério para a revolução.

Aos trabalhadores dos campos das regiões que temos citado, não se lhes tem dito que a revolução lhes permitirá repartir a terra.

Não se lhes tem dito que devem encaminhar os seus esforços para a conquista do seu pedaço.

Não se lhes tem dito que a terra deve pertencer a quem a trabalha.

Tem-se-lhes dito sempre que a terra, assim como os meios de produção e de troca, deve ser patrimônio comum de todos os homens, como o ar e como a luz.

E eles não aspiram a outra coisa.

E. G. C.

De A. Internacional Órgão da A. I. T.

1903 a 1925

O 1.º DE MAIO

A primavera que faz irromper do arbusto a flor, também faz brotar na alma o ideal

Faz precisamente hoje 25 anos que eu assisto ao meu 1.º de Maio.

A primeira vez que na capital federal do Brasil, se comemorou o 1.º de Maio, fiquei com a impressão de se ter realizado segundo carnaval. Eu tinha assistido ao primeiro. Examinava por um todos os caracteres alegóricos—os de crítica. Lera e fixara as legendas, sublinhara com um sorriso cada dito espiritualoso das várias personagens que povoavam aquelas enormes filas de carros, carros e artífices uns, e grotescos outros. De tudo, porém, o que mais me seduzia, naqueles cortejos não era a indumentária fantástica e desusada, de cores ora berrantes e estafuradas, ora de tons leves e gostosos matizes; era, sobretudo, a ausência de roupações. Eu tinha então 18 anos e prendiam-me o espírito, toldavam-me a vista as atitudes colantes das mil e uma mulheres que me faziam adivinhar, por sob um maillot de cor lúscua, uma carne fresca e perfumada, que a minha adolescência tanto apetecia. Eu via sempre um carnaval, um agrado, e quedava-me triste ao recolher-me a casa, pela madrugada de quarta-feira de cinzas. Depois ficava-me a contar os dias que faltavam para o outro carnaval.

Nesse ano surpreendi-me a quele formidável cortejo "carnavalesco", a dois metros e pouco do primeiro. Recebi-o com agrado. Examinei carro por carro. Dessa vez eram factos alegóricos. Nem um só critica nem um facto político. Depois de assistir a um desfile no largo do Capim, onde falou Evaristo de Moraes, que não ouvi, fui esperar de novo ao largo de São Francisco, depois ao Rossio. Por fim desisti. Não chegara a compreender o que aquilo era. Não iam lá mulheres nuas, que eram substituídas por graciosas crianças, mas eu não havia gostado. Passados três anos, eu trocara o balcão pelo banco, e a face de cortar carne, sêca pela maleta. Nesse dia 1.º de Maio eu protestara contra o cortejo carnavalesco em que se tentava desvirtuar o sentido do dia comemorado. Ali mesmo, no largo do Capim, da sacada que ficava precisamente só-

bre o lugar em que, havia dois anos, eu assistia pela primeira vez a esse cortejo, eu dizia a Pinto Machado que não era honesto fazer acreditar àquela farsa de homens rudes mas bons, que eram os condutores de carroças, em cuja sala estavam, que era com cortejos mais ou menos carnavalescos que devíamos lembrar o sacrifício dos homens que em Chicago foram assassinados pela sociedade trópega e lassa, para quem o verbo e a acção deles fazia adivinhar a queda da situação parassitária que uma parte ainda usufruía.

E de 1903 para cá eu tenho fixado, e bem, o muito que temos dado. Eu, tenho marcado, e bem presente, o que então era o movimento operário social e o que ele é actualmente. Meço-o de vez em quando em consciência, e tenho a noção exacta da distância e latitude que afasta 1903 de 1925.

Retaliações, intrigas, nada nos tem detido a marcha. De repente reparo e parece-me que tudo recua. Fico-me a medir os acontecimentos, e a breve trecho reparo que persiste a luta entre elementos que só deviam conjugar esforços, mas que a despeito dessa luta não se interceptou a marcha dos acontecimentos, porque eles a seu tempo tiveram a sua eclosão.

Tombam uns, levantam-se outros; e desta vez esforços novos se erguem para a luta. Os que caem vão cansados de lutar. Por mais descanso que lhe deem já não retomam as energias. Eles seriam lassos e vagarosos. Os que irrompem são energias frescas, que surgem com ímpeto. Para os novos a luta tem graciosidade, para os velhos já quebrantados é um sacrifício, e o 1.º de Maio é sempre um ponto de partida.

E' a primavera, e a primavera que faz irromper do arbusto a flor que é a graça e o perfume da natureza, também faz brotar na alma o ideal que é um enfeio da vida. Os seus poéticos cantares nos imprimem aquela energia que gastamos na mocidade, e que faz com que um corpo cansado se perpetua uma alma moça até ao túmulo.

1.º de Maio marcará, por muitos lustros ainda, o despontar de novas seivas que darão o mais apetecido fruto: A Sociedade Nova!

J. CAMPELO

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha"

PÁGINA LITERÁRIA

Do recente livro "Cavalcada do Sonho" de Julião Quintinha

transcreve-se a emocionante novela "O Palhaço"

Como viesse dar aqui, Tonica? Onde é a tua terra?...

—Fica longe, lá muito longe...—Olha, atravessam-se muitos campos, muitas serras, aparece o mar, e só depois se vê a minha aldeia, a minha terra...

—Porque a deixaste e vieste, Tonica? —Ora! Porque sim!...

O pequeno faz-tudo pendeu a cabeça, silencioso, e ficou-se melancolicamente, de olhos absortos, como que debruçado sobre a visão da paisagem floril, onde a sua juventude despertara.

Irmão mais velho, naquela boémia humilde de artistas vagabundos, o velho palhaço, interessado pela história do pequeno companheiro, continuou:

—Mas tens saudades, an? —O outro fez que sim, com a cabeça, e contou, de olhos maguados:

—Tinha doze anos quando de lá abalei. Meu pai morreu, e minha mãe batia. Duma vez vieram os palhaços, que trabalharam muito tempo na praça. Eu tocava tambor, porque gostava deles. Quando se foram, vim acompanhá-los, andando pela estrada fora, andando tanto, que quando me lembrei a aldeia ficava longe, e já caía a noite...

—E a tua mãe? —Sei lá!...

Fez um gesto com os ombros—como se coisa alguma impressionasse a sua precocidade—e caíram no silêncio, quebrado apenas pelos sons roufenhos que ali perto, na feira, soltavam os realejos.

O velho, depois de enrolar entre os dedos tremulos a mortalha com tabaco, passou a onça ao Tonica, que também fez seu cigarro, e ali ficaram os dois assentados de trás da barraca do circo, lançando ao ar pequenos rolos de fumo, de olhos dormientes sobre a larga planície...

Luciano, velho palhaço, desdentado, calvo, magrículo, era apenas o fantasma da quele aguilhão e esbelto acrobata douradas horas.

E pensava que breve viria o momento em que o lançariam à margem, como jumento sarnoso, sem, ao menos, o tiro de misericórdia!

Ele bem o sentia, quase reduzido à função de criado, quando os rapazes lhe chamavam "ti Luciano". Por isso, a pensar na miséria, a sua voz de falso tenor, com moeda falsa, e o seu riso de palhaço já não fazia rir a multidão!

De mais a mais, aquela doce de se haver juntado a moça nova, que parecia desfazer-se em filhos!

Súbito, seus pensamentos foram interrompidos por uma voz de trovão — era o anão que, enfiando a cabeça enorme, peluda, terrível, por um rasgo da barraca, encanecava a bocarra na gracinha do costume.

—Sou feio!!!... —Um raio que te parta!—resmungou Luciano.

O anão, num riso medonho, fazendo luzir grandes olhos amarelos e oleosos, encanecou outra vez a boca, reclamando luz.

O director da Companhia, com um saguinho ao ombro, passou correndo e foi lembrando, amável:

—Luciano, mexe-te! Tonica, toca a vestir... Vamos a isto... São horas, são horas...

Por entre as rasgas da barraca, viam-se correndo para os seus camarins de lona e chita, jovens ginastas de dois sexos, que se vestiam em promiscuidade. No tablado da entrada, onde soava o cornetim e tambor, uma palhaça morena, passeando seminua no seu maillot lilaz, fazia olhos doces e meneios de cobra, deixando devorar a inquietude plástica pelos olhos famintos da multidão. Mais além, uma euclyre loira, de boné a jockey, ares desdenhosos de duquesa em decadência, aguardava seu número, deixando-se conquistar por jovem clarim.

E, enquanto se experimentavam arames, cordas de trapézios e argolas, o faz-tudo Tonica acabava-se de pintar, e Luciano—coxeando, de rabona a rojo, fingindo-se alegre, à frente de ruídos bando de palhaços—vinha com momices para o público entrar...

No vasto arraial da feira principiara a cair, docemente, a última luz da tarde. Havia restos de sol, como laivos de ouro, scintilando nas louças de barro vermelho, quinquilharias e metais. Cheirava a feno, a fruta, a vinho. E pelas estradas e veredas, envolta em nuvens de poeira, começara a vagarosa debandada de tendeiros e feirantes.

Já noite, à frente das barracas, onde fumegavam toscos candieiros com morrões, juntava-se povo embasbacado. E entre a aturada dos apitos, gaitas e campainhas, descargas nas barracas de tiro, pregocios de leilões, arrastavam-se tristes, estafadas, as velhas arias nos realejos das vistas e figuras de cera...

No tablado do circo agora exibiam-se, em alegre agalgarra, toda a Companhia—filarmónica infernal, mulheres de pernas nuas, ginastas imberbes, o repente anão de chapéu alto, e o estropeado Luciano, de grande colete verde e cómicos colarinhos, automaticamente a gritar em falsete:

—Entrar, senhores, entrar!... A ver, a ver, a ver!...

A porta duma venda, rodeado da multidão indiferente aos palhaços, um velho cego muito alto, rôsto esbranquiçado e orbitas vazias, guiado por mochinha loira, as mãos magras perdidas nas cordas do violão, cantava, em décimas, um romance da guerra. E no seu ar profético e modo de trovar havia sabor antigo — um vago fatalismo de cantor de xacaras...

Correram mais algumas feiras. Numa destas, em Moura, o velho palhaço, para substituir um companheiro doente, e querendo mostrar agilidade, propoz-se realizar certa sorte de arriscado equilíbrio. Ao executar tal número, faltaram-lhe as forças, desfez-se a pirâmide de cadeiras, e ele resvalou no circo, com os ossos num feixe, entre apupos e gargalhadas.

Levaram-no ao côco para a estalagem, onde só o Tonica o foi ver. Passado tempo, quando se ergueu do leito, já a Companhia lá longe. Tinham abalado, deixando-o só e doente, com mulher e dois filhos...

—Que iria agora fazer? Assim velho, estragadinho, nenhuma Companhia o queria para palhaço!...

Depois de curtir muita fome, ofereceu-se para criado, polícia ou aguadeiro. Todos se riram da sua pretensão...

Ensaio diversos mistérios: foi contínuo, vendeu cautelas, quiz ser barbeiro, apregoou jornais, pensou em trastejar...

Ninguém o tomava a sério. A vida de palhaço pobre deixava grotescos vestígios, e as palavras chocarrietas, e o andar de acrobata, não eram boa apresentação...

Mesmo a falar da miséria e da fome dos seus filhos, parecia dar vontade de rir — lembrava alguém que, a estoirar de soluços, escondesse a sua tragédia em burlesca máscara de entrado...

Porque há sempre quem brinque com a dor alheia, um dia vieram oferecer-lhe emprego — era no cemitério... e o lugar de enterrador...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas, dizendo que nos cemitérios só aceitaria o lugar de defunto...

Quasi rendido pela fome, o desgraçado ainda meditou alguns momentos. Depois — reconsiderando na pitoresca e macabra coisa que seria um palhaço das feiras liquidar em enterrador — desatou em doidas gargalhadas

EXITO UNICO

TEATRO NACIONAL

SUCESSO ENORME

HOJE

HOJE

O drama rustico em 3 actos de Fernanda de Castro

De magnifico efeito
a caracterisação que
JOSÉ RICARDO deu
ao tipo marítimo que interpreta
com grande realismo

NAUFRAGOS

que está dando as suas últimas representações
devido à companhia ter de partir para o Porto

na protagonista
ILDA STICHINI
demonstrou mais uma vez
as suas pujantes qualidades
artísticas

A tragédia de Chicago

para o operariado internacional um incentivo de protesto
e revolta contra a burguesia
capitalista

Na América do Norte as classes operárias fizeram um movimento geral em 1886, para a reivindicação do dia legal de oito horas de trabalho, movimento que já vinha sendo preparado desde alguns anos pelas associações de classe operárias, o qual teve o maior incremento foi em Chicago, cidade nova e capital do Estado de Illinois.

Como a reclamação do dia normal de oito horas nunca tinha sido atendida pelos industriais, as classes operárias associadas tinham resolvido proclamar a greve geral para o dia 1 de Maio de 1886.

A paralisação foi quasi geral. Desde o dia 1 a 5 de Maio fizeram-se na dita cidade de Chicago grandes reuniões ao ar livre onde os militantes daquele movimento social fizeram veementes discursos com o fim de, pela união de todos, poder pôr-se em prática o regulamento do dia normal de oito horas de trabalho.

Como este regulamento era contrário aos interesses da burguesia capitalista, esta não podia deixar de votar odio aos militantes do movimento operário tendente a reivindicar melhoria de situação e outras regalias de necessidade para a manutenção da saúde de todos os que produzem a riqueza pelo próprio trabalho.

Em vista deste movimento colossal das classes operárias na América, a burguesia capitalista e reaccionária iniciou e levou a cabo um plano tenebroso com o fim de liquidar alguns dos organizadores daquele grandioso movimento, tidos e havidos como agitadores perigosos, quando realmente eram propagandistas dum ideal redentor para toda a humanidade oprimida.

Os burgueses mais reaccionários, para levar a efeito tão repelente plano, abriram entre os capitalistas uma subscrição que rendeu alguns milhares de dólares, para subornarem juizes e jurados sem escrúpulos e comprarem inconscientes malvados que se prestaram a dizer mal e a ser testemunhas falsas contra as vítimas escolhidas para serem condenadas à morte violenta. Para executar tam tenebroso plano, era preciso arranjar uma base e um pretexto.

No ultimo comicio daquele grandioso movimento, grevista, na praça de Haymarket, quasi ao terminar, rebentou uma bomba de dinamite entre um pelotão da policia quando esta ia arremetendo contra a multidão que formava aquella grandiosa assembleia, cuja explosão matou sete policas e feriu um.

O lançamento da bomba contra a policia que arremeteu violentamente contra a assistência ao comicio, foi o pretexto previamente planejado para matar pelo terror os movimentos de reivindicação proletária, condenando alguns dos elementos mais prestimosos da propaganda emancipadora do povo trabalhador.

Cova da Piedade, 29-4-1925.—António Gonçalves.

Marinha Mercante Portuguesa

Foi ontem entregue ao presidente
do ministério um memorial sobre
a navegação

A Liga dos Officiaes de Marinha Mercante Portuguesa, fez ontem entrega, ao presidente do ministério, dum memorial sobre a navegação portuguesa. Extraímos dele o elucidativo trecho que segue:

"Agora que o nosso antiquado acto de navegação está em via de ser reformado no seu artigo 4.º, é tempo de pensarmos a sério, em criarmos ligações directas e rápidas, não só com as nossas colónias do Extremo-Oriente, como com os milhares de compatriotas nossos, que, espalhados pelo continente sul-americano e a poderosa América, anseiam por ver a gloriosa bandeira das quinas, tremular à popa dos nossos navios.

A Liga dos Officiaes de Marinha Mercante Portuguesa, tem pois a honra de nas suas linhas gerais, submeter ao esclarecido espirito de v. ex.º o seguinte:

Que o governo da República, no mais curto prazo de tempo, faça abrir concurso, entre Companhias de Navegação Portuguesa, formadas ou a formar, para a adjudicação de uma linha de navegação regular entre o norte da Europa, Lisboa, Mediterraneo, India, China e Japão; com um navio de ligação da China com a nossa colónia de Timor.

Que outra linha de navegação, entre o norte da Europa, Lisboa, Brasil e Argentina, seja organizada.

Que ainda outra linha de navegação, seja estabelecida entre Lisboa, Madeira, Açores e América do Norte.

O governo da República subsidiará a linha do Extremo-Oriente, com o auxilio das nossas colónias da India, China e Oceania.

As outras duas linhas serão subsidiadas, por tempo determinado e somente pelo governo da metropole.

O fundo de protecção à marinha mercante, criado por decreto n.º 7.822 de 22 de Novembro de 1921, poderá grandemente concorrer para tais subsidios.

Eis pois, ex.º sr., o que a Liga dos Officiaes da Marinha Mercante Portuguesa e com ela, todas as classes marítimas confederadas desejam ardentemente ver realizada, porque só assim teremos um Portugal rico e próspero e a negra miséria afastada dos lares de tantos que só no mar, e pelo mar, auferem o sustento das suas familias.

Esta Liga, ex.º sr., e as suas congéneres comprometem-se desde já e incondicionalmente a auxiliarem com toda a sua força e no limite dos seus conhecimentos técnicos, o governo da república na execução deste patriótico plano."

Nacional

A peça NAUFRAGOS só dará mais três recitas, devido a terem os seus intérpretes de partir para o Porto com a restante companhia, em tournée artística, durante o corrente mês.

Teatro São Carlos

HOJE HOJE

REAPARIÇÃO
da Companhia Lucilia Simões-Erico Braga
COM

O Sinal de Alarme

A mais surpreendente
e fantástica
peça actualmente
em scena

Eden Teatro

Empresa Conceição Silva, Ltda.
(Telefone Norte 3800)

HOJE, às 20,45 (8 3/4 da noite)

ESTREIA da incomparável e sensacional

"Troupe" Belga Chatam

(As ultimas novidades de Music-Hall)
Composta de 10 figuras: bailarinos, cantores, equilibristas, mimicos, fantasistas, plasticos, xilofonistas, exibindo o autentico

MAIS ATRAÇÕES

ESTREIA da encantadora cancionista

"discuse" e bailarina, a divina

MIREYA

(género Argentino), luxuosissima "toilette"

lindos scenarios

O mais variado e atraente dos espectaculos

2.ª apresentação da

"Troupe" Belga Chatam e de Mireya

DOMINGO, às 3 da tarde MATINEE GRATUITA

Entrada gratuita ás crianças de 10 anos

Apolo

Está dando as honras de maior successo a revista TIROLIRO em que Maria Lily, a graciosa actriz tem de bisar todas as noites o fado "O Canto da Cigarra", que tão artisticamente interpreta.

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros
Grande sortido em chapéus, lisos e mechas em cores lindissimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda e FLAMÃO

Chapeu mole, novo modelo americano muito elegante, só na

Cooperativa

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

— ESTABELECIMENTOS —

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 e 58

FÁBRICA DE BONETS — Chapeu modelo Jours (Exclusivo)

A SOCIAL Cooperativa de Produção dos Operários Chapeleiros

participa aos camaradas, amigos e ao público em geral, que acaba de abrir a estação de verão nos seus estabelecimentos de venda, sitos na

SEDE -- Rua Fernandes da Fonseca, 31 e 35

SECÇÃO (chap. de senhora) R. Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

FABRICA -- Rua Guilherme Braga, 23

Sucursais:

1.ª -- Rua Poiais de São Bento, 74 e 74-A

2.ª -- Rua do Corpo Santo, 29 (esquina da T. do Corpo Santo)

3.ª -- Rua Arco Marquês do Alegrete, 56 e 58

(Edifício de quatro andares, propriedade da Cooperativa)

4.ª -- Rua Arco Marquês do Alegrete, 46 a 50

Aldegalega:

Rua Joaquim de Almeida, 2 e 4

Temos um colossal e variado sortido de chapéus de palha, assim como um vasto sortido em chapéus de feltro de cores lindas e próprias para a estação

Tiroliro

O "record" das revistas

AS 9 HORAS DA NOITE

DE

HOJE

NO

TEATRO

APOLO

Música maravilhosa

Scenários deslumbrantes

Tipografia da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos

EXECUÇÃO PERFEITA DE TRABALHOS TIPOGRÁFICOS, TAIS COMO: JORNAIS, REVISTAS, RELATORIOS, ROLULOS, MEMORANDUMS, FACTURAS, BILHETES DE VISITA, ETC.

Travessa da Água de Flôr, 35—LISBOA

MATERIAL ELÉCTRICO
MONTAGENS E REPARAÇÕES
FORÇA MOTRIZ
PARA RAIOS, TELEFONES E CAMPAINHAS
TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L.DA

(ELECTRICITY)

ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16

LISBOA

MANTEIGARIA IDEAL DAS AVENIDAS

Telefone 2126 N. (gratuito)

A firma Leite Almeida & C.ª com sede na Avenida Casal Ribeiro, 9 e 11, participa aos seus Ex.ªs freguezes e ao público em geral que, atendendo à mudança da Praça da Estefania, abriu uma filial no

NOVO MERCADO DO MATADOURO N.º 29

onde encontrarão grande sortido das MELHORES MANTEIGAS do Continente e Ilhas.—DESCONTOS AOS REVENDEDORES.

Servir bem e vender barato, é a divisa do DEPÓSITO DA COVILHÁ

Tem em armazem para venda a retalho milhares de metros de lozendas de la, que por ser fim de estação vende por menos de 40 o/0.

Homens e senhoras têm uma boa ocasião de fazer grandes economias nos seus vestuários, aproveitando os grandes saldos de fim de estação.

IMPORTANT! — Brevemente o Depósito da Covilhá abre a sua estação de verão com um sortimento colossal de excelentes casemiras e artigos para vestidos por preços excessivamente baratos, donde os explorados em massa podem fazer o seu sortido próprio para a próxima estação de verão.

Tem a frente das suas novas instalações de filactaria, roupa e habil -tailleur para homens e senhoras, para exclusivamente servir a sua numerosa clientela, e com grandes diferenças de preços.

Rua contígua, o Depósito da Covilhá é no ROSSIO, 95, 1.º, (antigo Hotel Continental, esquina da rua do Amparo).

BRIDE — Um corte de vestido da fazenda de 15 metros, por 23\$50.

Mandace para a provincia contra reembolso. Vendas directamente da Fabrica ao publico. Telefone N.º 222. Mandar amositas ao domicilio.

Menstruação

Aparece rapidamente

tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 1\$500.

Envia-se pelo correio à cobrança.

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cor,

para marceneiros,

serradas em todas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglesinhos, 50—LISBOA

Lêde o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

TELEFONE N. 5474

Às 8,30

SEMANA DE REPETIÇÕES

HOJE

AS RAS PEDEM UM REI

2 PARTES

O TRAPEIRO DE PARIS

6 PARTES

O BREGEIRO DO MORIN

5 PARTES

DESPORTOS

"O Sport de Lisboa."

Por dificuldades resultantes da comemoração do 1.º de Maio, não pode este jornal publicar-se no sábado dia 2, só o fazendo no dia 3, domingo.

Desafio apigável de futebol.

Realiza-se amanhã, 2, pelas 9 horas no campo do Santana Futebol Club, um desafio entre o grupo do quadro tipográfico do Correo da Manhã contra um grupo misto de A Batalha e O Mundo. Os teams são constituídos pelos seguintes jogadores: Correo da Manhã: Medeiros, Trindade,

César, Humberto, Coelho, Lopes, Jerónimo, Pires, Sanches, Fernandes e Rodrigues: Misto: Tavares, Jonas, Miguel, Manuel, Adão, Carlos, Tóres, Freitas, Santos, Vidal e Hugo.

Os jogadores devem comparecer às 8,30 horas, na paragem dos electricos em Campolide.

São Carlos

Hoje, reaparição da companhia Lucilia Simões com O SINAL DE ALARME em que as scenas, a "mise-en-scene", a interpretação e as toilettes das actrices se harmonizam e fundem por tal forma que o espectáculo se torna verdadeiramente encantador.

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS



Compre
e
Vende
a
LIVRARIA
PENIN-
SULAR

R. Poço dos Negros, 79 -- Lisboa

BARBEITOS & LEÃO

CHAPEUS E CALÇADO aos melhores
preços e das melhores qualidades.

RUA DO AMPARO, 30 A 34 -- LISBOA

Mobilias

V.ª Silva Carvalho, L.ª

101, Rua Eugénio dos Santos, 103 -- LISBOA

QUERIS CALÇAR BEM POR PREÇOS
MUITO RESUMIDOS?

Ide à Sapataria Oriental na RUA
DA MADEIRA, 205

que lá encontrareis um bom sortido de calçado
para homens, senhoras e crianças e de óptimo
acabamento e por preços sem precedentes. Ve-
reis que só lá se encontra mais barato do que
noutro lado. Como é estabelecimento aberto re-
centemente quer adquirir clientela e por isso
se limita muito nos seus preços. Fazem-se con-
certos por preços baratíssimos.

Sapataria Lusitania

Encarregam-se de todos os trabalhos por medidas -- 26, RUA DOS POIAIS DE S. BENTO, 28 -- LISBOA

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos,

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lu-
ciano Cordeiro)

OURO MAIS BARATO

Vende a Ourivesaria A. M. NEVES

RUA DOS ANJOS, 26

(em frente à Calçada do Conde D'Almeida)

Uma magnífica exposição, que constitui um
belo sortido de CADEIAS, CORDÕES, BRIN-
CLOS e mais objectos próprios para BRINDES.

LIVRARIA RENASCENÇA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de
autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, cartões e livros de escultura,
mapas de escultura, mapas de descarga de cotas e de
Grande sortido em material escolar -- artigos de papelaria e escritório, sempre aos preços
mais baixos do mercado.

A grandiosa obra de Vitor Hugo, «OS MISERÁVEIS», ilustrada, por assinaturas, tomos e en-
cadernada com capas especiais, em 2 grandes volumes a 12000, acrescentando 5000 de parte e
enbalagem para a provincia. Sempre novos artigos e novidades literárias.

JOAQUIM CARDOSO -- R. dos Poiais de São Bento, 27 e 29 -- Lisboa

Depósito Geral de Lanifícios

267 -- Não tem loja

2.ª, 3.ª e 4.ª -- Rua dos Anjos, 1.ª, 2.ª e 3.ª

Venda directa ao público de CHEVIOTES

para 17500 cada metro

e FATOS DE FANTASIA

Retrosaria ANCORA

CARLOS RIBEIRO

260 -- RUA DO OURO -- 260

TELEF. N. 2849

Porquanto, sendo a casa da especialidade
que possui o mais variadíssimo sortido, é
ambém a casa que mais barato vende.

Querem vestir
bem e barato?

— Vão à alfaiataria —

Marino & Fernandes,

Limitada

RUA DOS FANQUEIROS, 268

Sais DERMOMA

Curam todas

as dores e

males dos pés

INCHAÇÃO

ENTORPECIMENTO

QUEIMADURAS

CALOS

FRIEIRAS

BOLHAS D'ÁGUA

COMIÇÃO

O MELHOR CONTRA A TRANSPIRAÇÃO

A venda em todas as farmácias e drogarias.

Depósito: Mário Brandão, Lda. -- Rua Eugénio dos

Santos, 99 -- Lisboa.

N. B. -- Exatam os verdadeiros Sais «Dermoma» e re-
cusam as imitações que não têm nenhum valor cura-
tivo. Laboratório J. Nante, 62, Avenue Gambetta -- Paris

NINGUEM COMPRE

SEM VER OS NOSSOS PREÇOS

É sortimentos de:

Carteiras e malinhas para senhora

Carteiras e pastas para homem

Malas de mão em pele e lona

Malas de viagem

Estojes de viagem

Somos os autênticos fabricantes e os mais

importantes do País

Grande Salão de Exposição e Vendas

JOAQUIM COSTA, L.ª

R. da Glória, 21, 2.ª

LISBOA

OURO

muíto mais BARATO

Grande sortimento de cordões, correntes
e mais objectos de ouro, assim co-
mo anéis, alfinetes e mais objectos
com brilhantes.

Só vende BARATO

a OURIVESARIA

CORRÊA & MOURA

Rua de São Paulo, 186 -- Lisboa

(Próximo à Casa da Moeda)

Grande comício!

Vai realizar-se em prol do grande

sortido de chapéus de palha e feltro

que a

Chapelaria Ilion

acaba de receber por preços de reclame

125, RUA DOS ANJOS, 127

CHAPEUS PARA SENHORA

EM SEDA 80\$00

Cascos em TAGAL a PICOL em

todas as cores a 35\$00

Transformações por PREÇOS

SEM COMPETENCIA

OFICINA LISBONENSE

DE --

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Calçada do Garcia, 18

(por cima da casa de Fogões) -- RÓCIO

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA"

CANDOSO & OLIVEIRA

Calçado de lã

para homem, senhora e criança

Empregam-se as melhores matérias pri-
mas, nacionais e estrangeiras. -- 26, RUA DOS POIAIS DE S. BENTO, 28 -- LISBOA

AOS ALFAIATES

VERDADEIRA PECHINCHA

Cabos para ferros, bom acabamento e

bom madeira, cada 5\$00. Dirigir pedidos à

Associação dos Alfaiates -- Rua dos Fan-
queiros, 300, 2.ª D.

Ouro a pêso

Prata a pêso

Só vende a casa

ANIBAL TAVARES

R. DA PRATA, 97 -- LISBOA

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura

do Dr. R. Wolff -- Berlin

Medicamento precioso, sempre quicela necessário tonificar o aparelho genital. Não tem suc-
cesso. Os seus efeitos são garantidos, não havendo os inconvenientes de inúmeras substâncias
indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos
secundários nos rins. Resultados garantidos para ambos os sexos
atenuam, assim como afeitos médicos
Não confundir este produto com outros similares

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Este seguro impõe-se a
TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por

33 centavos por dia

garante aos seus, em caso de morte, um capital de

Esc. 5.000\$00

pago imediatamente. Se economisar

58 centavos por dia durante 30 anos

garante para a sua velhice uma pensão de reforma de

Esc. 100\$00 mensais

pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para

com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS



SEDE --- Rua Garrett, 95

LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade

Limitada

IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-

prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metalis, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
-- guarnições para móveis --

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,

cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO AMPARO, 86 -- LISBOA -- TELEF. 3930, N.º

gramas, FERRAGENS

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto -- Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

Envia-se oculto

Impelido pela onda reaccionaria que foi batida na Rotunda, o governo acaba de praticar um atentado contra a Liberdade!

Dezoito presos sociais embarcaram ontem de madrugada no "Carvalho Araújo" que os conduzirá para Angra do Heroísmo. Estas deportações sumárias de operários cujas responsabilidades não foram sequer apuradas pelos tribunais, constituem uma violência que nem no tempo da monarquia --- quando da célebre lei de 13 de Fevereiro --- chegou a ser executada, porque o povo indignado soube com o seu protesto impedir tão odioso crime.

Não se compreende que o governo, só para dar uma satisfação às forças da desordem que são a reacção conservadora e capitalista, sirva essa mesma reacção, que ainda ontem o queria derrubar, vibrando tão traiçoeiro golpe no proletariado que na hora de perigo é a carne de canhão e que, mesmo indirectamente, mantém de pé a República que os políticos emporcalham com as suas ambições e as suas arbitrariedades!

Que o proletariado saiba repelir a afronta que acabam de fazer-lhe!

Á SUPREMA AFRONTA!

O governo, depois de vencer a reacção militarista e conservadora que içara o pendão da revolta no alto da Rotunda, não soube vencê-la no parlamento. Realmente é mais fácil, por vezes, vencer o inimigo pelas armas do que pela razão. Para vencer pelas armas basta ter força; para vencer pela razão --- é indispensável possuir-se autoridade moral.

Ora, os reaccionários quando evocaram o descalabro, a falta de inteligência e de honestidade dos políticos que têm governado o país apontavam uma grande, uma flagrante verdade. Simplesmente, não eram os militares apoiados nas forças vivas, que têm causado tantos ou mais prejuízos ao país do que os políticos, que tinham autoridade moral para fazer uma revolução conservadora. Por isso, porque a nós, trabalhadores nos sobejava a autoridade moral que faltava às forças vivas e aos políticos republicanos é que interviemos na contenda não para salvar os maus políticos, mas para defender os escassos princípios de liberdade que a república, tal como está, corrompida e desmoralizada, ainda encarnava.

E o governo sabia muito bem que não era pelos seus lindos olhos que o povo trabalhador de Lisboa lhe reclamava armas para combater os revoltosos da Rotunda, como combateu os monarquistas em Monsanto; o governo sabia muito bem que essa atitude energica do operariado se filiava nesta razão superior: entre dois caminhos maus --- o da reacção militarista e conservadora e o da politiquês esteril do actual estado de cousas --- era preferível sustentar o que estava.

Passa a hora do perigo e o governo, que devia ter aproveitado da tremenda lição que da sua memória ainda não se apagou, conforme lhe recomendámos, reincide no erro antigo de ceder aos poucos às forças reaccionárias e capitalistas o terreno que pela revolta e pela violência queriam alcançar duma só vez.

E porque um papagaio bem falante, num parlamento em que os outros papagaios apenas balbuciam

sons ininteligíveis, ao sair da gaiola barafustou que o governo se apoiava numa ficção --- a Legião Vermelha --- este assustado, teve logo necessidade de inventar-la para dar razão à antipática ave --- e transformou em legionários dezoito presos que se apressou a deportar para fazer calar o pássaro!

E assim, começam os reaccionários que foram vencidos, a transformar-se em vencedores. E o governo, transgredindo, cometendo os actos mais odiosos, como este que acaba de alarmar a população operária, não vê, não repara que se está afundando também.

As deportações que se estão levando a efeito constituem um crime tão grande, que o ministro do Interior, ao ser interrogado sobre o caso por uma comissão da União dos Sindicatos Operários, não teve a coragem de confessá-las.

Havia necessidade de satisfazer a gula dos reaccionários e como estes são de grande alimento --- servir-lhes a carne sacrificada de 18 operários!

Então o governo acha que o sr. Cunha Leal não deveria estar satisfeito com os bons lugares que lhe têm dado, na reitoria da Universidade de Coimbra, na Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses --- a pesar dos seus meritos não comportarem lugares de tanto alimento? Para que lhe foi dar agora esse estranho e trágico aceipe das deportações?

A afronta acaba de ser feita ao povo trabalhador, neste momento em que o governo deveria ser o primeiro a pautar os seus actos por um critério de ordem, neste momento em que o povo trabalhador --- cuja fome, crise de trabalho e miséria poderiam conduzi-lo aos actos mais desvairados --- tem calado a sua triste situação para não criar dificuldades ao regime mal refeito do combate contra a reacção. Esta afronta constitui uma provocação brutal que o povo trabalhador, quanto mais não seja pelo seu brio e dignidade, se vê forçado a repelir com toda a energia!

A acção da U. S. O. perante as deportações

Mal constou à U. S. O. que o governo ia realizar deportações de operários, uma comissão delegada dirigiu-se logo ao presidente do ministério, a quem conseguiu falar pelas 23 horas de ante-ontem.

Interrogado pela comissão acerca da notícia que corria sobre a deportação de operários, o sr. Vitorino Guimarães deu uma resposta dubia. A comissão insistiu, não tendo o chefe do governo affirmado ou negado o boato que corria.

Retirou-se a comissão absolutamente convencida que tal violência ia ser cometida. O conselho de delegados reuniu imediatamente, tendo aprovado a seguinte moção, que passamos a transcrever:

"Considerando que, neste momento, estão sendo fortemente atacadas pelo governo da república, as poucas liberdades conquistadas pela organização;

Considerando que vão ser enviados para fora do país todos os camaradas que se encontram a ferros da república, cometendo assim uma das maiores afrontas à organização operária;

Considerando que este gesto do governo satisfaz o programa dos reaccionários que fizeram o último movimento revolucionário;

O Conselho de Delegados da U. S. O. resolve:

- 1.º Protestar energicamente contra a violência manifestamente reaccionária do governo cometida contra os camaradas que se encontram presos aguardando julgamento, a quem prestamos toda a nossa solidariedade.

- 2.º Agir de todas as formas ao nosso alcance para que a estes camaradas seja prestada toda a nossa solidariedade moral que poderá ir até a greve geral se o conselho o entender.

- 3.º Que o conselho se mantenha em sessão permanente até que a organização se sinta dada cabais satisfações.

—Os atingidos por esta violência são: Arsénio José Filipe, Domingos Paiva, João de Almeida, Manuel Tavares, Luís Ferreira da Silva, José Alves dos Santos, Elpidio Duarte, António Dias, Daniel Severino, Amadeu Carlos das Neves, José Lopes, Alfredo dos Santos, Alvaro Damas, Mário dos Santos Fontainhas, José de Almeida Figueiredo e Manuel Francisco.

NA ESPANHA

Uma vida que é preciso salvar

Já falámos aqui na condenação iníqua que pesa sobre Rafael Tórres, condenado à morte sob inculpação de ter assassinado o cardeal Saldevilla, arcebispo de Saragoça. A opinião europeia sentiu-se abalada com esta decisão, como o demonstram as reuniões populares que se têm efectuado nas diferentes capitais e em Paris muito recentemente.

A sentença pronunciada contra Rafael Tórres no dia 1 de Abril do ano passado foi, na verdade, uma ordem dimanada do Directório. Os juizes receberam ser presas como os dum recente conselho de guerra que tinham ousado absolver um acusado, e por isso se submetteram à imposição que lhes foi feita.

Nenhuma testemunha seria quiz depôr contra Tórres. Pelo contrário, este não foi reconhecido como assassino do cardeal, nem pelo "chauffeur", nem por um eclesiástico que se encontrava, no momento do crime, na mesma residência.

Sabe-se, em virtude de declarações insuspeitas, que o arcebispo de Saragoça, pelos seus processos comerciais, tinha criado um grande número de inimigos. O seu assassinato é pois o resultado duma vingança pessoal.

A execução de Tórres seria um crime. O Directório ainda está a tempo de pôr Tórres em liberdade e de não se manchar mais uma vez com o sangue de um inocente.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

NOTAS & COMENTARIOS

Os "amigos" da ordem

E' admirável o cinismo com que os jornais conservadores tem aplaudido os homens que para implantarem uma ditadura violenta e asfixiante saltaram por cima de todas as leis, quebraram todos os laços de disciplina, atentaram gravemente contra todos os poderes constituídos.

Se a revolução fosse das esquerdas, os mesmos jornais teriam mudado de linguagem; em vez de aplaudirem com delírio, pateavam com furor. Falavam com os olhos esbugalhados, as bochechas inchadas de indignação contra os "desordeiros", os "desqualificados" que tinham atentado contra os estereótipos e jurídicos da sociedade sem os quais não pode haver nem progresso, nem justiça, nem respeito pela civilização. E que descredito para o país que ficava assim igualado ao México! Que impressão desastrosa para o estrangeiro!

E' esta a poderosa lógica dos amigos da ordem que são leitores --- os maiores dos tartufos, os mais inferiores e hipocritas de todos os bipedes.

Perseguições absurdas

Apaz-nos recortar do *Mundo* as linhas que seguem, reveladoras dum espírito de justiça que só merece a nossa simpatia e duma atitude deplorável da policia que só formalmente antipatia provoca.

"A policia, nas ruas que tem feito para limpar a cidade de elementos perturbadores, tem efectuado numerosas prisões de operários honestos e pacíficos. Não compreendemos a quem seja útil um tal procedimento. Que se varra a cidade está bem; mas que se descontentem as classes trabalhadoras, confundindo-as com criminosos comuns da pior especie, não se admite. Se há erros ou equívocos, que prontamente se desfaçam --- se há abusos cumpre ao governo evitá-los e reprimi-los. O contrário só o prejudica e compromete, sem vantagem alguma para a ordem."

A mulher de Zola

O *Mundo*, transcrevendo ontem as rápidas notas que demos acerca da mulher de Emilio Zola, veio, com a citação de dois filhos naturais do autor da "A Taberna" e "A Derrocada", recordar-nos um facto interessante: Zola defendeu na "Fecundidade" a tese quanto a nós falsa, de que ninguém deve evitar a reprodução, deixando a realizar, com a bela e terrível inconsciência da natureza, a sua obra natural. E Emilio Zola não tinha filhos. Desgostoso com esse facto --- ele tinha em alto grau a virtude de pôr suas acções de acordo com os seus pensamentos --- conseguiu ser pai com outra mulher que não a sua.

A infelicidade conjugal de Zola foi uma acção tão altamente digna e honesta que a mulher do grande novelista teve o admirável gesto, citado pelo *Mundo*, de vender a casa de campo de Muidan a favor dos dois filhos de seu marido.

Oxalá que todos, como o glorioso autor do "Paris", da "Roma", soubessem juntar suas obras, às suas palavras!

ESCLARECENDO

Dissemos ontem o que por toda a parte se anunciava: "o *Correio da Manhã* foi suspenso". Essa confusão não foi só nossa, foi de toda a gente. Afinal, a suspensão resumiu-se a uma apreensão.

Não se julgue neste resumo-se que achamos pouco violenta a medida tomada. Nutrimos mais uma vez a maior repulsa. Repetimos mais uma vez que a liberdade de imprensa, uma das mais belas expressões da liberdade de pensamento, é sagrada.

Novamente também acentuamos o nosso desgosto por a maioria dos órgãos da imprensa não possuírem a autoridade que a nós nos sobeja para protestar.

Ha muitos jornais que mereciam ser responsabilizados pelas perseguições que os governos movem à imprensa, devido à sua atitude que é uma vez de ignóbil aplauso outras duma tristíssima cobardia.

Alegorias do 1.º de Maio

A BATALHA tem para venda as duas alegorias que hoje publica e que editou em separata em boa cartolina. Preço 1\$50. Pedidos à administração de A BATALHA.

Rectificação

Dissemos que no julgamento dos manipuladores de pão há dias efectuado, foram advogados de defesa os d. rs. Sobral de Campos e Ramada Curto. Melhor informados agora, sabemos que só este último tomou parte no julgamento.

Maja humanidade!

As modernas bastilhas matam lentamente os infelizes encarcerados

A vigorosa campanha que *A Batalha* há tempos mantém contra o regime prisional teve que sofrer um parêntese, em virtude dos últimos acontecimentos.

Longe de se arrefecer no seu ardor, ela ainda mais se radicou entre nós que várias vezes para as cadeias temos sido arremessados só porque ousamos pensar de modo diferente dos nossos adversários.

Em vários artigos temos focado o estado miserável desses modernos suplicios que por eufemismo se chamam prisões. Só quem ainda não passou por um desses imundos calabouços, só quem não sofreu o vexame de ver na sua frente um forte gradão, não sabe avaliar quão penoso é vegetar meses e meses em tais sórdidos tugúrios.

Principiando pelos calabouços das esquadras e terminando nos grupos do Limoeiro, pomposamente denominados quartos, o preso vive uma grande tragédia que lhe dilacera o coração, por mais petrificado que ele seja.

Numa das vezes que passamos pelas prisões convivemos com um indivíduo com largo cadastro nos registos policiais. O calabouço 5, do governo civil, estava pejado de encarcerados, que num número superior a 60 se comprimiam em promiscua situação.

Alguns menores que uma ruela capturou foram aumentar o nosso infortúnio e sobre um lago de urina que cobria o leito saltavam alegremente, sem a noção da vida e da miséria que sofriam.

Pois o criminoso nosso vizinho, que as gazetas agitam à turba como um elemento perigoso cedeu o seu lugar na tarimba, e dois dos garotos momentos depois dormiam descansadamente como o melhor dos pensionistas do Avenida Palace.

Este simples episódio, que reflecte o estado miserável de todas as prisões, encontramos-lo por esse país fora, desde a Lisboa mudana até à encantadora Viana do Castelo.

Já a pena admirável de Camilo Castelo Branco nos disse também da vida trágica dos reclusos da "Relação do Porto. E porque foi causticada aquela cadeia pelo autor do *Amor de Perdição*? Porque ele viveu ali algum tempo, porque ele sofreu ali os horrores de todo aquele suplicio.

Mas não foi só Camilo que passou pelas cadeias. Alguns escritores e os nossos políticos, dos mais extremistas aos mais conservadores, tem experimentado o peso das cadeias.

E na presente conjuntura ainda os mesmos políticos, merced duma nova aventura, pisam o solo prisional, auscultando certamente a dor que tanto temos agitado.

Pois bem! Como não pretendemos um regime prisional apenas para ser aplicado aos nossos casos, desejamos, já que não nos é possível suprimir radicalmente as prisões, que a situação das cadeias seja mais compatível com as regras humanas que, a despeito de toda a podridão social, ainda nos foram obliteradas.

E enquanto não forem ouvidos os nossos protestos não descançaremos um só instante, pelejando sem cessar pela terminação desse estado vergonhoso.

Apoiando a nossa campanha continuamos recebendo de todos os lados as mais cativantes provas de solidariedade que nos animam a prosseguir sem desfalecimento.

São inúmeras as cartas que a falta de espaço não permite serem publicadas na íntegra, mas este simples enunciado dá-lhes uma resposta.

Dos organismos operários o aplauso continua também a afirmar-se como pode ver-se nos dois comunicados que se seguem.

O aplauso dos rurais de Fronteira

A Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais de Fronteira, apreciando a campanha de *A Batalha* sobre o regime prisional, resolveu aplaudir-la por ela ser uma das mais humanas que nos últimos anos a imprensa agita.

O apoio dos trabalhadores de limpeza de navios

O Sindicato Único dos Trabalhadores de Limpeza e Pintura de Navios no Porto de Lisboa, em sua reunião, apreciou a campanha que *A Batalha* tem mantido contra a péssima organização da sociedade actual, e ainda contra as Bastilhas da República, onde são encarcerados seres humanos.

Apreciando todos os artigos que dizem respeito à criminalidade (sic) actual, publicados no órgão dos trabalhadores, este Sindicato resolve por unanimidade, dar a sua adesão de solidariedade, para qualquer movimento que *A Batalha* leve a efeito.

Ler o Suplemento de A BATALHA

O PRIMEIRO DE MAIO

As suas características

Para muitas criaturas, o 1.º de Maio tem uma significação muito restrita.

E' simplesmente uma data a relembrar, como se recordam as jornadas revolucionárias de 1793, as datas épicas de 18 de Março de 1871, de 22-25 de Fevereiro de 1848, de 1 de Maio de 1886, de 11 de Novembro de 1887, etc.

Aferido o 1.º de Maio com uma bitola tão mesquinha, ele fica apenas a constituir uma especie de comemoração pagá, a qual se lhe dedica a reza cerimoniosa de alguns discursos laudatórios.

Ora o 1.º de Maio é alguma coisa mais do que uma singular "quinta-feira santa" do operariado com as respectivas visitas às casinhas dos sindicatos operários, a fim de se orar pela alma das vítimas de Chicago e em acção de graças pelo próximo triunfo da emancipação humana.

A data de hoje deve-se-lhe imprimir um carácter mais profundo e mais amplo, não só no terreno ideológico, como também no campo das actividades revolucionárias embaladas por um forte espirito de continuidade entusiasta. Quer-se-lhe exclusivamente conservar o verniz tradicionalista, é torná-lo, até certo ponto, retrógrado. E o 1.º de Maio tem de avançar: o 1.º de Maio já não deve ser só o 1.º de Maio, mas tem que reflectir, com cores bem vividas, todos os momentos de lutas trágicas desenvolvidas por esse convulsivo mundo fora...

Com o fim de reprimir os agitadores que cantavam, entre o povo, os hinos da liberdade, foi que o capitalismo yankee forçou o processo macabro que devia conduzir à força os mais inteligentes e considerados militantes do operariado americano.

E' ainda com o mesmo fim de suprimir os "agitadores", que hoje os desordeiros e os usurpadores da burguesia internacional procuram abater, em formidáveis massacrados, todas as consciências iluminadas por um Ideal de Redenção e de Liberdade; esforçam-se para paralisar, com as picadas das baionetas praticadas, todos os corações que pulsam sentimentos de humanidade, que estejam frêmitos de amor pelos seus semelhantes escravizados, lutando pela sua felicidade.

Daí as represálias virulentas, argamassadas em ondas de sangue e tropeçadas em montes de cadáveres, que se desenrolam sinistramente, em Espanha, em Itália, na Bulgária, no Japão, em toda a parte, enfim, onde a reacção capitalista-estatal exerce o seu fatídico predomínio de roubo e morte.

Já sabemos, já sabemos os tiranizantes massacradores apoiar a desculpa dos seus morticínios "são-bartolomeus", na lógica sédica que a burguesia e as autoridades da América do Norte adoptaram para com aquela bomba que, na praça Haymarket, traziua a resposta condigna à intervenção brutal e sanguinária da força pública, sempre solícita a dissolver e a disparar contra as reuniões pacíficas do proletariado ao abrigo das Constituições...

E' para eliminar os temíveis bombistas --- o máximo argumento do governo búlgaro --- que os poderes constituídos do Estado e do Capitalismo bombardeiam as classes operárias, pelo único crime de pretendem, no uso legítimo dum direito humano e natural, a libertação do trabalho e a garantia, portanto, de poder viver abundante e confortavelmente.

E' lamentável que se esqueçam de que se a burguesia foi indispensável a lanterna, depósito de bombas de artilharia, para derrubar o feudalismo e cimentar o seu poderio --- também para derrubar o actual sistema de ignomínias será preciso empregar, pelo povo oprimido em rebelião, o envoltório da metralha destruidora.

A descoberta das espingardas e dos canhões, que expludem bombas a retalho e por junto, colocou a burguesia em condições de inutilizar as lanças, as flechas, as

catapultas, os arneses, as viscerais da autoridade nobre.

A que vem, pois, todo esse piramidal ponto de admiração desenhado no facto do proletariado revolucionário procurar uma justa "democratização", um justo equilíbrio nos inventos de defesa e de ataque com que possa dissolver a tirania das armas e dos canhões, postos ao serviço dos novos aristocratas e poderosos?

Ainda há dias, entre nós, foram imprescindíveis as "bombas", reduzidas e ampliadas, das espingardas e das peças das tropas fiéis ao governo, para reprimir as "bombas" de mão, das espingardas e das metralhadoras com que o militarismo retrógrado, conservador, tentou implantar no país uma ridícula riverada...

Os aliados na última conflagração europeia, não empregaram, para evitar a vitória da reacção militarista dos impérios centrais e em defesa duma fementida liberdade e civilização, granadas contra granadas, obuses contra obuses, que são, afinal, terríveis bombas que dizimam exércitos e arrazam povoações?

Foi depois duma violência idêntica que se inauguraram as civilizações egípcia, hebraica, romana e a dos nossos dias... Não é para admirar, portanto, que o povo oprimido trate de achar uma equivalência que lhe facilite o triunfo da sua emancipação...

E' para que tal não suceda, que o Capitalismo e o Estado internacionais se concentram nas mais temíveis represálias, nas mais terríveis perseguições, nas mais formidáveis organizações de mentirosos processos sumários, a fim de estrangular todo o espirito de revolta proletária, a fim de afogarem em sangue todo o movimento popular tendente à libertação dos povos.

Ora o que se dá hoje é o prosseguimento tenaz, correcto e aumentado, do que se deu há 39 anos nos Estados Unidos da América do Norte.

Sendo assim, o 1.º de Maio não é de 1886-87: é de todas as horas, é de todos os dias, é de 1925, como foi de 1924, será de 1926, de sempre, enquanto o Homem não for livre na Terra livre...

O 1.º de Maio, pois, não deve ser a lacónica comemoração duma data longínqua, um simples dia consagrado numa especie de paganismo operário --- mas sim um incentivo claro e ardente para a continuidade da luta contra a burguesia e o Estado, a continuação da Revolta contra todas as atrocidades cometidas em nome da Lei, da Autoridade, do Poder, do Capital ludo e violento, e em defesa de todas as vítimas que estão sofrendo, em todo o mundo, as iras sanguinolentas das reaccionárias plutocracias dos governantes, dos políticos, dos militares profissionais, dos banqueiros, dos comerciantes, dos industriais, dos ricos senhores da terra...

O 1.º de Maio tem que ser a ininterrupta preparação das massas proletárias para a conquista das ferramentas do trabalho, de todas as fontes de produção e consumo postas em comum e sob a sua directa gestão...

Eis o que deve, quanto a nós, significar o 1.º de Maio, qual a característica que se lhe deve imprimir.

CLEMENTE VIEIRA DOS SANTOS

A BATALHA a fim de comemorar a data do 1.º de Maio, publica-se hoje com dez páginas, inserindo colaboração escolhida.

O preço do nosso número de hoje é o habitual --- 30 centavos

AO OPERARIADO DE LISBOA

A Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, inaugurada hoje em substituição da União dos Sindicatos Operários, convida o operariado a abandonar o trabalho como afirmação de vitalidade e convida-o também a assistir à sessão que hoje promove na sua sede.

Em nome do proletariado de Lisboa esta Câmara saúda o proletariado do país e todos os trabalhadores que, além fronteiras, irmãos pelo mesmo ideal de emancipação lutam contra o sistema capitalista, enviando por esta forma os protestos de sua solidariedade a todos os camaradas que se encontram a ferros em todo o mundo.

PÁGINAS ALHEIAS

As internacionais ideológicas e as internacionais operárias

Um trecho de Neno Vasco, que cita as opiniões abalizadas de Bakounine e Malatesta acerca destas instituições revolucionárias

Bem depressa os anarquistas, amestrados pela experiência, sobretudo depois da dissolução da Internacional, se fizeram partidários da neutralidade das associações de resistência e da sua completa independência perante qualquer partido ou movimento político ou de ideias.

O próprio Bakounine, que aceitava a dualidade híbrida da Internacional, parece que já para o fim presentia a contradição.

Em fins de 1873, o grande agitador retirou-se da actividade, velho, doente, e também desanimado perante o triunfo da reacção militarista na Europa, como o confessa numa carta ao "Journal de Genève" e numa outra a Eliseu Reclus. Despedindo-se dos "compañheiros da Federação Russa", no número de 12 de Outubro de 1873 do "Bulletin" federal, escreve Bakounine algumas palavras que nos fazem meditar.

"Pelo meu nascimento e pela minha posição pessoal, não sem dúvida pelas minhas simpatias e tendências, não passo dum burguês, e, como tal, não posso fazer outra coisa entre vós senão propaganda. E eu estou convencido de que já passou o tempo dos grandes discursos teóricos, impressos ou falados. Nos últimos nove anos, desenvolveram-se no seio da Internacional mais ideias do que as precisas para salvar o mundo, se as ideias o pudessem salvar por si sós, e eu desafio quem quer que seja a inventar uma nova.

"O tempo já não está para as ideias, mas para os factos e para os actos. O que importa hoje primeiro que tudo é a organização das forças do proletariado. Mas esta organização deve fazer-se o próprio proletariado por suas mãos. Se eu fosse rapaz, ter-me-ia passado para um meio operário, e compartilhando a vida laboriosa dos meus irmãos, teria igualmente tomado parte com eles no grande trabalho desta organização necessária.

Mais tarde, é o orador do Congresso de Berna, precisamente Malatesta, que por sinal segura o conselho de Bakounine fazendo-se trabalhador manual, um dos mais activos em reclamar a independência do movimento operário, e quando, no princípio deste século, se fala por toda a parte na reconstituição da Internacional, é Malatesta que escreve em "La Rivoluzione Sociale", de Londres, o contrário do que disseram em Berna sobre o mesmo assunto:

"Costuma-se atribuir a dissolução da Internacional ou às perseguições, ou às lutas pessoais surgidas no seu seio, ou ao seu modo de organização, ou a todas estas causas juntas.

"A minha opinião é outra. As perseguições, teriam sido impotentes para destruir a Associação, e não raro favoreceram a sua popularidade, e o seu incremento.

"Coisa secundária foram na realidade as

questões pessoais, e, enquanto o movimento teve vitalidade, até serviram para estimular a actividade das várias facções e dos indivíduos mais em vista.

"O modo de organização, que se fez centralista e autoritário por obra do Conselho geral de Londres e especialmente de Carlos Marx, que do mesmo Conselho era a alma, deu realmente em resultado a scisão da Internacional em dois ramos; mas o ramo federalista e anarquista, que compreendia as federações da Espanha, Itália, Suíça francesa, Bélgica, França meridional, assim como seções insuladas de outros países, pouco tempo sobreviveu ao ramo autoritário. Digo que no ramo anarquista subsistia também o caruncho autoritário e que mesmo nele poucos indivíduos punham e dispunham em nome da massa que passivamente os seguia, e é verdade. Mas convém notar que neste caso o autoritarismo não era voluntário nem estava nas formas da organização e nos princípios em que ela se inspirava; era uma consequência natural, necessária, do facto ao qual eu atribuo principalmente a dissolução da Associação e que passo a expor.

"Na Internacional, fundada como federação de associações de resistência para dar mais larga base à luta económica contra o capitalismo, bem depressa se manifestaram duas tendências, uma autoritária, outra libertária, que dividiram os internacionalistas em duas facções inimigas, conhecidas, ao menos nas aulhas extremas, por designações derivadas dos nomes de Marx e Bakounine.

"Uns queriam fazer da Associação um corpo disciplinado às ordens dum Comissário central, os outros queriam que ela fosse uma livre federação de grupos autónomos; uns queriam submeter a massa para fazer, conforme a rançosa superstição autoritária, o bem dela à força, os outros queriam sublevar a e induzi-la a emancipar-se por si mesma; mas um traço comum caracterizava os inspiradores das duas facções: uns e outros prestavam à massa dos associados as suas próprias ideias, julgando que a tinham convertido quando haviam obtido a sua adesão mais ou menos incoerente.

"Assim, vemos a Internacional tornar-se rapidamente mutualista, colectivista, comunista, revolucionária, anarquista, com uma rapidez de evolução documentada nas deliberações dos congressos e na imprensa periódica, mas que não podia representar a evolução real e simultânea da grande massa dos associados.

"Como não havia distinção de órgãos para a luta económica e para a luta política e de ideias, e cada internacionalista desenvolvia no seio da Internacional toda a sua actividade de pensamento e de luta, o resultado fatal era—ou que os mais avançados tinham que descer e manter-se ao nível

vel da massa atrasada e lenta, ou, como sucedeu, progredir e evoluir com a ilusão de os compreender e seguir a massa.

"Os elementos mais avançados estudaram, discutiram, descobriram as necessidades do povo, formularam em programas concretos as vagas intuições da massa, afirmaram o socialismo, afirmaram a anarquia, vaticinaram e prepararam o futuro;—mas mataram a Associação: a espada tinha rompido a bainha.

"Não digo que tenha sido um mal. Se a Internacional se tivesse mantido como simples federação de resistência, e não a houvessem agitado as tempestades do pensamento e as paixões partidárias, teria durado como duram as Trade Unions inglesas, inúteis e talvez nocivas à causa da emancipação humana; mas vale ter morrido lançando ao vento sementes fecundas.

"Mas digo que hoje não se pode, nem se deve, refazer a Internacional de outros tempos. Hoje há movimentos socialistas e anarquistas bem desenvolvidos: hoje já não são possíveis a ilusão e o equívoco de que viveu a velha Internacional. As causas que por fim a mataram, isto é, a oposição entre autoritários e libertários dum lado, e do outro a distância existente entre os homens de ideias e a massa semi-consciente só pelos interesses movida, acham-se hoje prontas para impedir o nascimento e o crescimento dum nova Internacional, que fosse como a primeira ao mesmo tempo sociedade de resistência económica, oficina de ideias e associação revolucionária.

"A nova Internacional só pode ser uma associação destinada a reunir todos os operários (isto é, o maior número possível) sem distinção de opiniões sociais, políticas e religiosas para a luta contra o capitalismo, e por isso não deve ser nem individualista, nem colectivista, nem comunista; não deve ser nem monárquica, nem republicana, nem anarquista; não deve ser nem religiosa nem anti-religiosa. Única ideia comum, única condição de admissão: querer combater os patrões.

"O ódio ao patronato é o princípio da salvação.

"Se depois, iluminada pela propaganda, ensinada pela luta a remontar as causas dos males e a buscar-lhes os remédios radicais, esporeada pelo exemplo dos partidos revolucionários, a massa associada irrompe em afirmações socialistas, anarquistas, anti-religiosas, tanto melhor: o progresso seria então real e não ilusório.

"Não é, naturalmente, que eu não queira que a nova Internacional dos trabalhadores seja socialista e anarquista; ao contrário, desejo que o seja a valer.

"E para que o venha a ser, forçoso é que tal se faça livremente à medida que as consciências se desenvolvam e compreendam."

Saúdação

Os trabalhadores:

Saíram os trabalhadores que sofrem a perseguição da burguesia permanecendo nas prisões e os que, forçados e cheios de vicissitudes, percorrem o mundo, em holocausto às ideias de liberdade e igualdade, afirmando a sua solidariedade nas aspirações que irmanam na luta contra a exploração todos os trabalhadores do mundo.

Do mesmo modo saúdam os trabalhadores que na Rússia se esforçam por uma constituição social mais humana e os que se acham privados da liberdade sob esse regime de Estado coercitivo por o qual contribui a pouca preparação sindical dos trabalhadores além de diversos factores de ordem moral, política e económica, fazendo votos por que a sua situação melhore de harmonia com as mais amplas aspirações de liberdade.

Uma sessão de criteriosa propaganda

A fome produz revoltados, mas não idealistas que lutem inteligentemente. Um protesto contra as prisões iníquas de operários e contra as pretensões ditatoriais da reacção

Como estava anunciada, efectuou-se, no domingo preférito, uma sessão de propaganda na Associação de Classe dos Manipuladores de Pão do Porto, na qual tomou parte o camarada João Maria Major, que foi directamente convidado a ir de Setúbal aquela cidade realizar uma conferência.

Presidiu aquela sessão, regularmente concorrida, o camarada José Rodrigues Reboredo, que teve como secretários Francisco Gonçalves e Adelino Bauer.

Estavam representados a U. S. O., o Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato U. Metalúrgico, Centro Comunista Libertário e Universidade Livre.

O presidente, num discurso bem incisivo, salientou que estamos em vias dum transformação social, devendo todos empregar os maiores esforços para que ela seja o mais lata e perfeita possível. Para isso é indispensável o cultivo moral e intelectual das camadas produtoras. Sendo as classes do ramo de alimentação umas das que mais hão de desempenhar um papel culminante durante o período revolucionário, elas têm, de preferência, de intensificar a sua união e de desenvolver a sua educação profissional, espiritual e revolucionária, para que, gerindo a alimentação, trabalhem no sentido de faltar o menos possível ao sustento do operariado em luta.

Referindo-se à célebre frase de Karl Marx, declara que muito se enganava quem supõe que a emancipação operária há de ser obra dos seus verdugos: só os próprios esforços dos trabalhadores é que os libertará.

A luta de classes nada é se não tiver a norte-a-lu um ideal

Concedida a palavra a João Maria Major, este principia por dizer que não julgamos os ouvintes que ele possui vastos conhecimentos. Tudo o que se pode dizer é à volta de doutrinas já definidas e, portanto, não traz princípios novos.

Apenas se pode interpretar conforme o seu modo de ver e o seu sentir. Referindo-se ao facto de haver quem confunde e desvie o verdadeiro sentido da luta de classes, algumas vezes por mero capricho de alguns militantes, afirma que essa luta de classes nada será se não tiver a norte-a-lu um princípio idealista.

A luta de classes vem de longe e já na própria Bíblia ela se encontra atcada com os exemplos de revolta nela descritos. As revoltas que se esboçaram nos tempos do feudalismo, em cujo regime os servos eram duramente chicoteados, perderam-se por falta de idealismo. E' que as revoltas de estômago terminam sempre pela entrega dos revoltados ao primeiro senhor que lhes ofereça mais uma cêdea de pão. Para comprovar este argumento, que serve de exemplo a todos aqueles que asseveram que a Revolução Social será tanto mais completa quanto maior for o grau de cultura do operariado, visto que cada soldado da Revolução, além da espingarda na mão, levará no cérebro um Ideal de beleza — cita este interessante pormenor da Revolução Francesa: quando Danton estava a ser julgado pelos tribunais revolucionários, o povo de Paris, que o venerava em consequência da sua conduta correcta perante o elemento popular, revoltou-se em sua defesa.

Mas quando ele se dispunha a invadir os tribunais, o governo revolucionário, numa manobra engenhosa, prometeu-lhe viveres — e ele desviou a sua acção à procura dos viveres prometidos.

A maquinaria deve ser olhada não como um prejuízo, mas como um progresso necessário

Se o povo tivesse a guil-da nessa altura um princípio eminentemente idealista, não abandonaria Danton e teria, até, encaminhado a revolta num sentido moral e de liberdade.

O ideal é a semente forte da vida em todos os campos. E assim, cinge-se ao artista que esculpe e ao engenheiro que faz o trado ou inventa uma nova máquina — procurando sempre na escultura ou no invento da máquina dar-lhe um ideal de beleza espiritual e de perfeição beneficiadora da humanidade.

Infelizmente, nem sempre são compreendidos os inventores, dando-se o caso até das classes operárias, por falta de um idealismo a iluminá-las, odiarem a maquinaria. Em reforço alude à opinião do seu avô, que atribuiu ao traçado da linha férrea de Lisboa ao Porto uma grande calamidade, porque ia prejudicar as carreiras das malas postas e de carros de bois. Hoje, não só se reconhece o valor das linhas férreas, como também a necessidade de um maior desenvolvimento delas para o fomento do país.

Com o tear, cujo inventor teve de andar errante de terra em terra, deu-se a mesma injustificada aversão. Quando a mecânica principiou a ser introduzida na nascente indústria de conservas, deu-se um terrível levantamento dos operários, que invadiram fábricas e partiram máquinas.

Então, ninguém usava, nas Associações dos operários de conservas, erguer a voz contra aqueles desatinos e em defesa da utilidade do maquinismo. Só um grupo reduzido de militantes revolucionários de Setúbal, é que salientou o erro e aconselhou a que os operários aceitassem as máquinas, embora regulassem o trabalho à medida que elas se viessem introduzir na indústria.

Até que, finalmente, no Congresso dos operários da indústria de conserva foi resolvido, não repudiou o maquinismo, mas aceitá-lo, regulando os seus serviços. Se houvesse o verdadeiro espírito idealista e revolucionário, não se dariam as lutas contra o maquinismo, mas antes se regularia a sua função, evitando-se o ele, na sua maioria: cair nas mãos das mulhetes, como sucede nas classes textéis.

Nenhuma transformação social se opera sem ter sido aceite pela mentalidade pública

Demonstra, depois, como é muito fácil chamar o povo à revolta, principalmente quando ele tem fome, mas aponta também, os perigos que dessa acção, simplesmente emotiva, advêm para os pregadores da revolta sem idealismo: empurrando as multidões para a revolta, eles vêm-se, a seguir, a braços com as mesmas multidões que se voltam contra os seus orientadores, desesperados por não verem logo no dia seguinte satisfeitas as suas aspirações materiais.

Ha militantes que são feitos apenas no tumultuar dos conflitos, no torvelimho da luta de classes; entusiasmando-se demasiado com as palmas, acabam por andar só a pesca delas, falando ao sentimento, ao coração das massas, em vez de lhe falarem ao cérebro. Daí as numerosas irreflexões que temos observado.

Ainda hoje a maior propaganda é o desenvolvimento da intelectualidade do proletariado, a criação de consciências, de molde a que o trabalhador saiba o que quer e o papel que tem a desempenhar no decorrer da revolução e na sociedade futura que inaugurar. Não há nenhum exemplo na história que nos prove que se efectuou uma qualquer transformação social sem primeiramente ela ter sido feita no espírito, ser aceita pela mentalidade pública.

Aborda, entre outras considerações sobre a organização operária, o facto de haver sindicatos que não têm razão de existência visto que os há que têm a insignificante população associativa de 20, 22 e 25 membros. Em seu entender, era preferível que a estes se juntassem novas células de operários diferentes mas afins, criando em certas localidades bairros mais fortes. Dizendo que na indústria de manipuladores de pão se dá alguns daqueles casos, mostra a sua discordância com a ideia da Federação dos Manipuladores de Pão, pela razão simples de que só no Porto e em Lisboa é que a classe é numerosa e está melhor organizada. No resto da provincia, existem apenas pequenos núcleos, na sua maioria desorganizados. Entende melhor a instituição da Federação dos Operários do Ramo de Alimentação.

Por último, faz uma larga comparação entre as lutas espiritualistas do passado e as lutas materialistas do presente — terminando por dizer que sem idealismo as lutas do povo trabalhador nunca atingirão o supremo objectivo que há de libertar, integralmente, a Humanidade da férula do Capitalismo e da Autoridade.

Falaram ainda, Serafim Cardoso Lucena, Saul de Sousa e Vieira Alves, que pronunciaram magníficos discursos de propaganda e de concordância com o exposto pelo conferente.

Aprova-se uma moção de protesto contra os maneios conservadores

Nesta assembleia foi aprovada a seguinte moção:

A classe dos Operários Manipuladores de Pão do Porto, reunida hoje no seu maior número, em sessão de propaganda, apreciando o último movimento insurreccional de carácter militar, organizado pela forças conservadoras de Lisboa;

Considerando que esse movimento era o complemento da campanha iniciada há muito tempo pela imprensa reacconária deste país, com o fim de estabelecer em Portugal uma odiosa ditadura à Mussolim ou Primo de Rivera;

Considerando que o triunfo desse movimento, sustentado e delineado pelos magnates da alta finança, comércio e indústria, representava o esmagamento de todas as liberdades até hoje conquistadas pela classe trabalhadora, e, possivelmente ainda o agravamento da sua situação económica; Considerando que à classe trabalhadora cumpre o indeclinável dever de, directamente, se defender de todos os despoetas e tiranos que porventura ousem cercar as regalias que hoje usufruem, e lutando valorosamente por novas conquistas até à sua completa emancipação;

Considerando o esforço demonstrado pelo povo trabalhador de Lisboa em defesa da Liberdade;

Considerando, porém, que, a pesar-do auxilio que o mesmo povo prestou para julgar o pernicioso movimento das forças reacconárias, se verifica, ao mesmo tempo, por parte das autoridades de Lisboa, uma acinosa perseguição a vários elementos da Organização Operária, perseguição que não tem justificação possível; resolve:

1.º Saludar o novo trabalhador de Lisboa, pela sua nobre atitude em defesa das liberdades ameaçadas;

2.º Afirmar o seu mais veemente protesto contra os sediciosos maneios das forças conservadoras, disposta a secundar a acção do restante operariado, sempre que se faça sentir a necessidade de combater a reacção;

3.º Protestar ao mesmo tempo, contra as perseguições que as autoridades de Lisboa estão exercendo contra alguns elementos operários daquela cidade, fazendo votos pela sua imediata libertação.

Operários contratados para Angola e Guiné

O que é a sua vida

Conforme já em tempos aqui dissemos encontram-se abertas umas inscrições para operários que queiram ir contratados para as provincias de Angola e Guiné.

Parce que alguns operários, especialmente metalúrgicos, desconhecedores das condições do contrato ou na esperança de se furtarem aos horrores da fome provocada pela actual crise de trabalho, se têm fido inscrever.

Porque ainda estão a tempo de reflectir, vamos expor-lhes a forma porque serão tratados.

Emquanto que aqui lhes prometem passagem em 2.º classe, quando embarcam arremessam-nos para a promiscuidade da 3.ª. Para enfrentar o custo da vida que nessas provincias ultrapassa o dobro do da metrópole, têm um salário que vai de 27800 a 36300 tendo ainda, em caso de doença, (inevitável nessas regiões), de tratarem-se à sua custa, com a agravante de, durante ela, não receberem salário algum.

Como complemento disto aguarda-os como habitação qualquer tóca barraca de madeira, se não qualquer vagão de caminho de ferro.

Apelos para as providências do Estado, não são nunca escutados, e qualquer assomo de rebeldia, só terá como resposta i- quas represálias.

EM ANGOLA

A disciplina militar

Recebemos uma carta de Mossamedes em que nos são relatadas barbaridades cometidas contra soldados enviados da metrópole, em deligência, sob o comando do tenente Augusto Rogério.

A essas praças há 9 mezes que não são fornecidas roupas nem se pagam as soldadas; no entanto, não se esquecem de mandá-las trabalhar, fazer grandes esforços, agredindo-os um sargento, quando não fazem tanto como ele entende.

Em meados de Março preférito esses soldados queixaram-se ao governador contra um cabo que está em deligência no Farol, por irregularidades cometidas por este, mas as providências foram tomadas contra os queixosos.

Isto deu origem a um conflito entre o cabo e seis soldados, do que resultou a prisão destes.

E' desta forma, calcando a dignidade dos

seus subordinados, que esses senhores pretendem manter a disciplina.

De Lubango recebemos uma carta semelhante, contendo queixas contra o mau tratamento dado aos soldados condenados, na secção de adidos do distrito de Huila, a quem não são também fornecidas roupas, pagando-se-lhe de "pret" \$60 por mês, algumas vezes, pois chegam a estar três e quatro mezes sem receberem coisa alguma.

Aos que trabalham nos caminhos de ferro estabeleceram-lhes o ordenado de \$900 por mês, dos quais só recebem \$360, pois o resto, dizem, é para a caixa de repatriação.

Quanto a alimentação, existem lá porcos e bois, que se matam para os soldados não provarem sequer.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 6 desta revista intitulada: "Mi Hermana", de José Martín. — Preço: \$50 — Pedidos à administração de A Batalha.

dotes! Possam ser assim destruídas do mesmo modo todas as igrejas.

—Ah! meu filho, não te esqueças nunca deste terrível espectáculo!... Eis os frutos da guerra civil! disse Fergan a Colombaik parando no meio da pequena praça do Câmboio, um dos sítios elevados da cidade, e donde se descobria ao longe o incêndio da catedral; escuta o ruído dessas torres senhoriais que caem debaixo do martelo dos comuneiros; ouve os gemidos dessas crianças, que ficaram orfãos! dessas mulheres, que enviuvaram! Vê estes feridos, estes cadáveres ensanguentados que são conduzidos pelos parentes, pelos amigos que pranteiam; vê o luto da cidade, a consternação, a vingança, o desastre, o fogo, a morte! e recorda-te do aspecto feliz, pacífico, que esta cidade oferecia ainda ontem, quando o povo no meio da sua alegria, inaugurava o símbolo da sua liberdade, liberdade que não foi arrancada aos nossos antigos opressores, mas que lhes foi comprada, sendo consentida e jurada por eles! Era um belo dia, não é verdade, meu filho? oh! como os nossos corações estremeciam ao ouvir o toque do sino popular! como todos os olhos brilhavam de legítimo orgulho à vista da nossa bandeira comunal! Nós todos, burgueses e artistas, alegres pelo presente, confiando no futuro, que mal faziamos nós? Nenhum! Que queríamos? Só o que era justo: continuar a viver debaixo do regime dum carta jurada pelos nobres, pelo bispo e pelo rei; mas sucedeu que os nobres, o bispo e o rei, tendo dissipado o dinheiro com que tínhamos pago as nossas regalias, disseram: «Que importa uma vã assinatura, um juramento em vão? somos poderosos, temos a força do número, somos cavaleiros, acostumados a manejar a lança, e a espada; os artistas, os burgueses, os lapizes, fugirão cobardemente diante de nós. Vamos, a cavalo, nobres episcopais! avante! de espadas desembainhadas! de lanças em riste, e mata... toca a matar os comuneiros!»

—Mas os comuneiros fizeram fugir o rei dos mareses! e exterminaram os cavaleiros! exclamou Co-

lombaik com entusiasmo. E o filho duma das vítimas deste infame bispo renegado, justiça tardia, rachou-lhe a cabeça com um golpe de machado! e a catedral está a arder, as torres senhoriais caem! Ah! eis o premio do perjúrio! eis o terrível e justo castigo desta gente que, por orgulho, ódio e cubia, desencadearam os furôres da guerra civil nesta cidade, ontem tão tranquila! Ah! que o sangue derramado recia sobre eles! que tremam por sua vez! A velha Gália acorda após seis séculos de entorpecimento...; a hora da liberdade soou!

—Ainda não, meu filho!

—Mas quê! o rei fugiu! o bispo morreu! os episcopais foram exterminados ou acham-se homisiados nos seus subterrâneos! a cidade está em nosso poder!

—E amanhã?

—Amanhã? Conservaremos a nossa conquista!

—Nada de ilusões, meu caro filho! Luis o Gôrdio fugiu em face da rebelião, que ele não se achava no caso de combater; antes de pouco tempo encontraram-se debaixo dos muros de Laon com forças consideráveis.

—Nos resistiremos até a morte!

—Bem o sei; e também sei que, apesar do nosso heroísmo, sucumbiremos.

—Que diz! pois as regalias pagas com o nosso sangue, essas regalias ser-nos-hiam roubadas! os nossos filhos tornariam a cair debaixo do jugo odiado dos senhores e da Igreja! Que diz! meu pai, pois devemos desesperar do futuro?

—Desesperar! oh! não, não; graças as rebeliões das comunas provocadas pelas atrocidades feudais, os nossos tempos ruins já passaram! Legítimas e terribes represálias em Noyon, em Cambrai, em Amiens, em Beauvais, incutiram, como hoje em Laon, medo à Igreja e aos senhores; essas santas rebeliões, provaram aos descendentes dos conquistadores que vilões, artistas e burgueses não consentirão mais em serem

fintados impunemente sem merecer nem misericórdia, deixando-se roubar, torturar, supliciar! Não, não, já

te disse que os ruins dias passaram; mas a nossa descondência ainda verá ferirem-se também sangrentas batalhas antes da chegada gloriosa desse dia prognosticado pela grande Vitória!

—E entretanto, tudo nos favorece no dia de hoje!

—Fia-te na minha experiência e nos meus prognósticos: Luis o Gôrdio voltará proximamente a frente de forças temíveis; a morte, tão justa, desse infame-bispo Gaudry fará desencadear contra a nossa cidade os furôres da Igreja; os anátemas da excomunhão favorecerão as armas reais. Então sucumbiremos, não só a excomunhão; escarnecemos disso; mas sob as armas das tropas de Luis o Gôrdio; os homens mais valentes morrerão na batalha ou serão desterrados, suplicados; depois da vitória do rei. Impor-se-há a Laon o senhorio de outro bispo; descerão o nosso sino, quebrarão o nosso sêlo, rasgarão a nossa bandeira, saquearão o nosso tesouro; os episcopais, apoiados pelo rei, vingar-se-hão da sua derrota com um odio feroz, o terror reinará na cidade.

—Ai de mim! então, tudo ficará perdido.

—Filho! replicou Fergan com um sorriso melancólico; podem matar-se os homens, mas não se matam as ideias da liberdade! sobre tudo quando essas ideias têm penetrado em todos os corações. Vejamos! Luis o Gôrdio, o novo bispo e os nobres assassinarão por ventura todos os habitantes de Laon? Não; eles hão de deixar viver sempre o maior numero de comuneiros, ainda que não fosse senão para os oprimir de tributos. As mães, as irmãs, as mulheres, os filhos daqueles que morreram pela liberdade viverão também. Oh! sem dúvida que durante algum tempo o medo será profundo; a lembrança dos desastres, das mortes, dos desterrados, dos suplicios que se seguirão a luta, paralisará em breve toda e qualquer veleidade de nova insurreicção.

—Desse modo o novo bispo e os nobres, seguros da impunidade, redubrarão em audácia? a sua opressão será ainda mais terrível do que no passado?

Não! o novo bispo, por mais iracundo que seja não se há de esquecer da terrível sorte de Gaudry, o nobres também não se esquecerão da morte de tantos dos seus que caíram debaixo dos golpes da justiça popular. Este util exemplo ser-nos-há proveitoso, uma vez saciada a primeira vingança dos episcopais, éler aliviarão o jugo, com medo de novas revoltas. Não é tudo; aqueles dos nossos que sobreviverem à luta esquecerão pouco a pouco esses dias nefastos, para se recordarem dos tempos felizes em que a comuna, livre, pacífica, florescente, isenta de impostos vexatórios, sabiamente governada pelos magistrados da sua escolha, fazia o orgulho e a segurança dos seus habitantes! os que houverem gozado desses anos felizes falarão deles a seus filhos com entusiasmo, contar-lhes-hão como um dia o rei e o bispo tendo-se unido contra a comuna, ela se insurgiu valorosamente fazendo fugir Luis o Gôrdio, exterminando o bispo e os cavaleiros. Então a glória do triunfo fará esquecer os desastres da derrota, quererão vinga-la restabelecendo a comuna. Pouco a pouco a exaltação se apoderará dos espíritos, e chegado o momento, a rebelião romperá de novo; justas represálias se exercerão outra vez contra os nossos inimigos tão cegos como desapiedados, e as nossas regalias serão proclamadas. Então nascerá com todo o esplendor o dia radiante da liberdade da Gália inteira.

—Oh! meu pai, disse Colombaik com desalento, anátema, anátema, desgraça se o prognóstico de Vitória se não cumprir, conforme a sua visão profética, senão entre montões de ruínas e torrentes de sangue!

—Julgas tu que a liberdade se adquire sem combates? olha, vê, somos vencedores, a nossa causa é santa como a justiça, sagrada como a divindade, e todavia repára no que te cerca, respondeu o cabouqueiro mostrando a seu filho o lugubre espectáculo que apresentava a praça do Câmboio, atulhada de mortos e de moribundos, alumiada pelo claro dos archotes e pelas derradeiras claridades do incêndio da catedral, olha! vê quanto sangue; quantas ruínas!

—Mas os comuneiros fizeram fugir o rei dos mareses! e exterminaram os cavaleiros! exclamou Co-

Salvador Barata Ltda.

unicos depositários do

PÓ INSECTICIDA "RODRIGUES,"

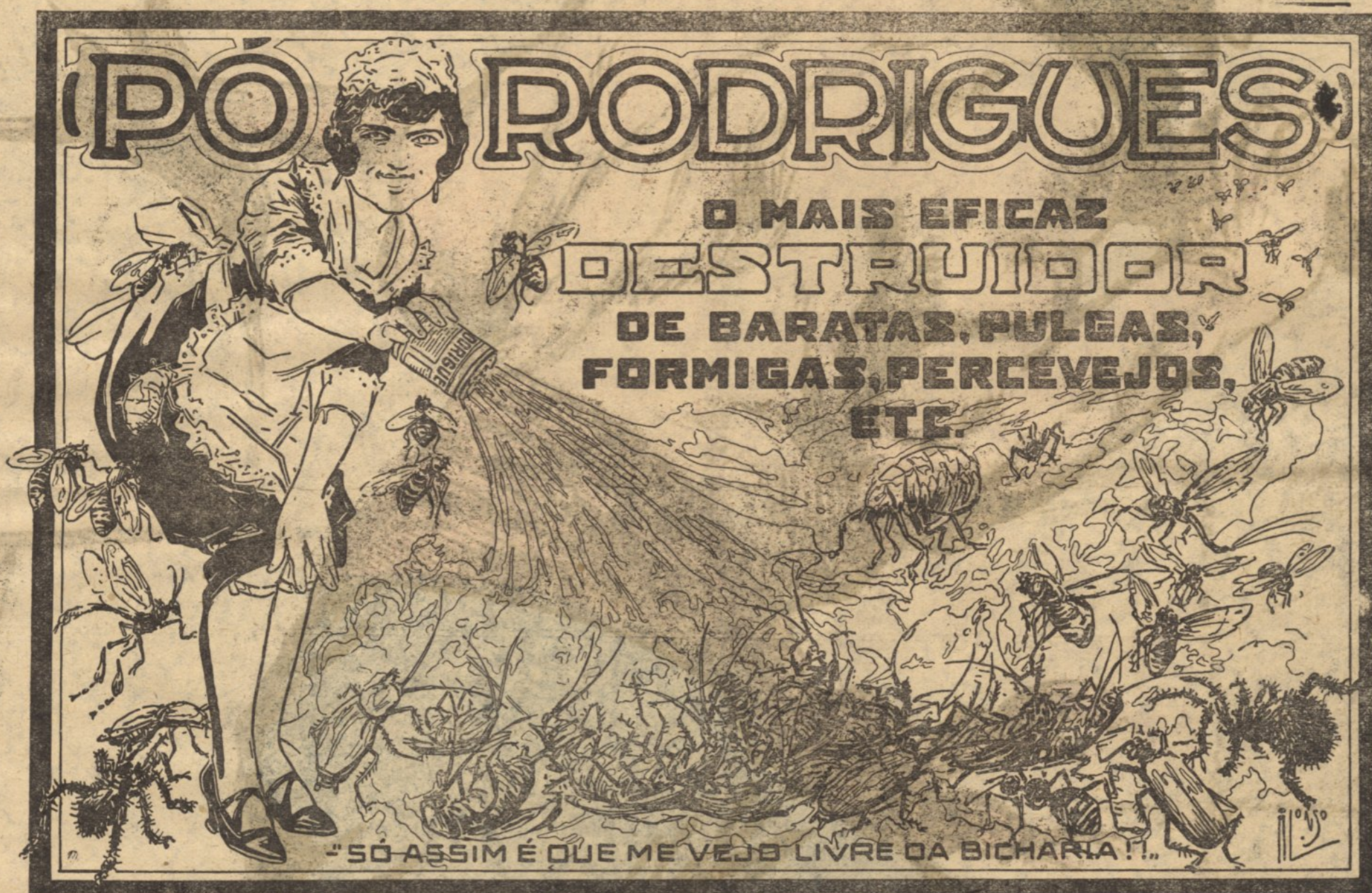
O MELHOR E O MAIS BARATO

À VENDA EM TODAS AS DROGARIAS, MERCEARIAS
E LOJAS DE FERRAGENS

AGENTES
NO
PORTO

Sociedade
de
Produtos Químicos

Rua 31 de Janeiro
171, 1.º



Agentes
nas
ILHAS
João Gomes
Funchal

Fabricantes dos bem conhecidos alvaiades

Marca "GAIVOTA"

IMPORTAÇÃO DIRECTA

DE DROGAS, TINTAS E PRODUTOS QUÍMICOS

19-A, RUA DAS GAIVOTAS, 19-C

LISBOA

TELEFONE CENTRAL 5467

A BATALHA

